

## **POR UMA ÉTICA E UMA ESTÉTICA AMBIENTAIS**

Fausto Antonio de Azevedo<sup>1</sup>, Mariluce Zepter Valença<sup>2</sup>

### **Um circuito filosófico**

Somos daqueles que comungam o pensamento de que no mundo de hoje falta filosofia. Falta pensar. O ser humano, na média e em seu dia-a-dia, declinou de sua mais nobre condição que é a de pensar, de formular raciocínios e críticas, de não se conformar, de ver diferente, de alternar, de ousar, de confrontar e reavaliar. Toda ação praticada sem ter um marco filosófico que a determine é tola, nula e vazia. A busca por esses marcos filosóficos é a razão de ser da existência. Quem abdica dessa propriedade abre mão de sua condição humana, torna-se um não-ser. Por isso, elaboramos o pequeno circuito filosófico que vem a seguir a fim de, sem pretensões, tentar entender, criticar e sugerir as formas de relação entre o homem e a natureza que o cerca e da qual ele é constituído e faz parte.

Os seres humanos tendem a enxergar o meio ambiente – e nesse aspecto nos doutrinarão, principalmente, a ciência e a tecnologia da era moderna – como o interminável fornecedor de bens e matérias-primas para nossas necessidades de vida, lazer e poder. Procedemos dessa forma porque nos acreditamos senhores da natureza e, nesse aspecto distorcido, muito têm contribuído, até, várias religiões e cosmogonias, quando, por exemplo, nos ensinam a esmagar a cabeça da serpente e a arar e transformar o campo para a semeadura dos grãos (obviamente visões que pertencem a tempos arcaicos e só por tal viés podem ser entendidas – historicamente entendidas...). É evidente que não postulamos um retorno à mais prisca era e uma atitude de sujeição absoluta e inconteste aos outros elementos da natureza, mas é preciso que despertemos do torpor presunçoso da superioridade, aprendamos a perceber nossas limitações e saibamos, finalmente, estabelecer verdadeiras e honestas parcerias com os integrantes dos ciclos de vida do planeta.

---

<sup>1</sup> Farmacêutico-Bioquímico (USP), Mestre em Toxicologia (USP) e Especialista em Saúde Pública (USP). Atuou como Farmacêutico-Bioquímico Toxicólogo da CETESB (São Paulo) e Gerente Técnico do Centro de Recursos Ambientais – CRA (Bahia). Foi Presidente do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento – CEPED (Bahia), Subsecretário do Planejamento, Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia, Diretor Geral do Centro de Recursos Ambientais – CRA, Superintendente de Planejamento Estratégico (SEPLAN – Bahia) e Assessor Técnico da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – CMADS (Câmara Federal - Brasília). É consultor em Meio Ambiente e autor de livros e artigos em Toxicologia e Meio Ambiente. (azevedo.fausto@gmail.com)

<sup>2</sup> Arquiteta (UFPE), Especialista em Prática de Planejamento Urbano (Development Planning Unit/University College London) e em Desenvolvimento Urbano e Rural (Universidade Católica de Pernambuco), MBA em Gestão Estratégica de Negócios (Aberdeen Business School/The Robert Gordon University) e Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPE). Sócia e consultora da Terra Azul Consultoria Ltda. (Curitiba).

Assim, procurando por filosofias que nos orientem quanto ao verdadeiro sentido que devemos dar a nossas relações com a natureza, discutimos, em artigo anterior<sup>1</sup>, a história da Ecofilosofia bem como tentamos imaginar uma longa ponte do pensamento ambiental desde alguns primeiros pensadores chamados de anarquistas, para o ecoanarquismo e para a ecofilosofia, isto porque é naqueles pensadores e seus seguidores onde talvez inicialmente se encontre uma preocupação nítida e destacada, e de cunho filosófico, com a questão ambiental. No citado artigo delineávamos interesse por uma base filosófica - ampla, atual, sistêmica e consistente - para uma postura ecológica definitiva das sociedades humanas - no sentimento, nos valores, na lógica, na estética e na prática. Permanecemos a considerar importantíssimo esse aprofundamento filosófico do assunto, principalmente porque, visto à luz de dois não-filósofos, há uma necessidade premente de análise e compreensão do comportamento irresponsável e predador do ser humano perante a natureza.

Um sistema filosófico é um conjunto estruturado de pensamentos que recobrem vários recantos do saber e da natureza humanos e encerram um propósito, uma finalidade, como buscar respostas às questões essenciais da existência e à atitude do ser humano diante da vida e de seus desafios.

Vários foram, ao longo da história da filosofia, os grandes mestres do pensar que entabularam ou propuseram verdadeiros sistemas filosóficos: Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, Descartes, Spinoza, Leibniz, Locke, Berkeley, Hume, Kant, Schelling. No século que recém findou, um destaque poderia ser dado à vigorosa filosofia de Theodor Adorno, que perpassou várias áreas.

Olhando para o século XX, não se pode deixar de notar um esforço de ordenação do pensamento ambiental que acabou por se denominar Ecofilosofia (por vezes também referida como Ecosofia – se bem que os dois termos não sejam equivalentes).

A Ecofilosofia é uma corrente do pensamento filosófico que pretende conhecer a relação do ser humano com seu meio ambiente e as conseqüências das várias formas que tal relação pode assumir. Vê-se logo que pela época em que surgiu – a nossa – e pelos fatores críticos que a determinaram historicamente, a Ecofilosofia já nasce revestida de um forte aspecto moral e ético, voltado a criar uma doutrina de ação sadia para o nosso (com)viver ou seja, o comportamento prático da convivência do ser humano com a natureza.

Curioso observar que, apesar de todo esse hercúleo esforço do homem para desenvolver formas e métodos para pensar e compreender a si e ao mundo, esforço que começou lá longe, na poeira da história da filosofia ocidental, por exemplo, com os antigos gregos, e a despeito das centenas e centenas de quilos acumulados de textos e estudos<sup>2</sup>, tão

pouco a filosofia tenha se debruçado sobre o tema ambiental e suas repercussões e complexidade, esperando que chegasse o século XX para isto vir a acontecer, já num momento de quase tudo ou nada. Em outros termos, ou passamos a criar e praticar uma filosofia do meio ambiente, que envolva uma reflexão crítica do estado de coisas presente e do conhecimento a respeito, incluindo reformulação de valores éticos e morais, prospecção de futuros e prognósticos, talvez uma nova epistemologia – a ambiental<sup>3</sup> – ou estaremos verdadeiramente na iminência de elevados riscos e danos irreparáveis.

Cabe uma menção aos antigos estóicos para quem o cosmo é essencialmente harmonioso e precisamente porque a natureza traz em si esta harmonia (a qual só pode ser justa e boa, como diz Marco Aurélio<sup>4</sup>), ela servirá de conduta para os homens nas esferas moral, jurídica, política e estética, e disso derivará o imperativo segundo, que é preciso imitá-la. Retomando Crisipo<sup>5</sup>:

“Não há outro meio ou meio mais apropriado para se chegar à definição das coisas boas ou más, à virtude ou à felicidade, do que partir da natureza comum e do governo do mundo.”

Esta menção aos antigos estóicos não pode deixar de invocar o filósofo romano Sêneca<sup>6</sup>, posto que ele, no ano 62 da era cristã, introduziu a expressão Filosofia Natural (*Philosophia Naturalis*), em sua obra *Naturales quaestiones*. Sabemos que uma Filosofia da Natureza (a física de Aristóteles ou a cosmologia de Christian Wolff) nasce bem antes de Sêneca, pois que tem origem com a própria filosofia, uma vez que os chamados pré-socráticos preocupavam-se exatamente em entender e explicar o mundo natural, a *physis*, isto é, a totalidade da substância do mundo material. Mas não é com isso que estamos nos inquietando quando apontamos a demora da filosofia para se debruçar sobre as questões da natureza no sentido nosso de meio ambiente. Estamos insistindo, de fato, que rarearam por demais pensadores que nos apontassem a necessidade estratégica, ética, moral e estética de um sistema filosófico a explicar o quanto somos nós próprios ‘naturais’ e o como, por isso, não podemos prescindir da natureza que nos gera, nos cerca e nos transforma depois.

Analisando de maneira muito ousada e livremente, diríamos que primeiro a filosofia se preocupou com o mundo material exterior ao homem (ainda que esse mundo seja o natural), como fizeram os filósofos pré-socráticos. Depois, com Sócrates, o homem é que foi trazido para o centro do pensamento filosófico, e a partir daí, por toda a corrente que se segue até nossos dias, todos os demais filósofos ou se preocupam mais com o exterior (mundo real objetivo) ou mais com o ser (mundo interior), mas não com a relação entre ambos (o que só

veio a acontecer de forma enfática e profunda com Kant). Entendemos que aí reside toda a problemática contemporânea de desrespeito e seqüestro da natureza (o meio ambiente).

Portanto, a natureza era/é boa, e dessa ordem natural brotavam os guias que indicavam o que era bom e o que era mau, não sendo isso matéria da competência humana. Bom era o que estava em conformidade com a ordem cósmica; mau era o que contrariava esta ordem. O importante para o ser humano era alcançar, na prática, conciliar-se com a harmonia do mundo (o cosmo) e nele achar o justo lugar que cabia a cada qual no Todo. Para muitos ambientalistas de hoje esses pressupostos estão reavivados e em lugar de cosmo eles falam em biosfera, ecosfera, ecossistema, entendendo que a natureza forma a totalidade harmoniosa que precisa ser observada, respeitada, mantida e imitada.

Depois dos filósofos pré-socráticos - cuja filosofia também é chamada, justamente, de *natural* - e dos estóicos, a filosofia, por longo tempo, nunca se importou muito com as questões do meio ambiente. Pelo contrário, a natureza sempre foi percebida como algo a ser desnudado, desvirginado e utilizado, e isto segundo filósofos que entraram para o panteão da filosofia como os maiores pensadores da humanidade em todos os tempos:

- O filósofo, ensaísta e político Francis Bacon<sup>7</sup> (1561-1626), tido como pai da ciência moderna e formulador de um método de pensar que se consagraria como o método científico<sup>8</sup>, foi quem estabeleceu o formato da relação do homem com a natureza que perdura até hoje, ao enunciar: *saber é poder; o conhecimento (científico), o saber, é apenas um meio vigoroso e seguro de conquistar poder sobre a natureza;*
- Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, tido como o último grande filósofo dos princípios da era moderna e, indiscutivelmente, um dos seus pensadores mais influentes, que entendia que a Natureza, na relação homem-natureza, deveria responder, através de experimentos, às perguntas de seu inquiridor;

A partir dos anos 1970 esse quadro começou a sofrer uma incipiente tentativa de mudança que, todavia, vem evoluindo significativamente.

Hoje não parece existir dúvida de que uma nova forma de pensar a vida e a relação homem-ambiente está insistentemente querendo se estabelecer<sup>9</sup>. Assim acredita, por exemplo, o poeta e pensador venezuelano Oscar Fernández, nascido em Caracas em 1971, que se refere a um *Paradigma ecológico ou ecopensamento*<sup>10</sup> dizendo:

“(…) A atual situação que confrontam as ciências, obriga a desenvolver grandes empresas a favor da busca ativa de alternativas frente à crescente crise paradigmática que hoje abordamos.

As delimitações conceituais que se estabelecem no seio desta cultura massa-mediática nos conduzem à indagação de novos estamentos interpretativos que coabitem nos espaços transdisciplinares e pluriparadigmáticos, podendo achar respostas satisfatórias na edificação de uma nova ordem. Para Prigogine e Kaufman: ‘o caos é o criador da ordem, vale dizer, a partir do caos os sistemas se auto-organizam’.

Desta forma, o enfoque ecológico se converteu em um dos paradigmas da New Age (Nova Era); determinando as relações humano-conceituais derivadas das interações humano-ambientais, para assim ir até a consolidação de uma genealogia ecológica que dê fé às relações ecoevolutivas imanentes dos nichos sociais.”

Continuando com Oscar Fernández, já surge mesmo uma (...)

“(…) discussão ecossemiótica adicionando diversos horizontes que pretendem reconfigurar e remover o universo próprio da semiose biológica e/ou física das relações ecoambientais. Tais horizontes são: a ecoética, a ecopolítica, a ecocognição, a ecotecnologia, a ecomúsica, o ecodesporto, a ecoarquitetura, a ecofotografia, a ecoalimentação, a ecomedicina, a ecocosmetologia, a ecocosmologia, a ecocosmogonia, a ecofilosofia, etc. enfim, a ecovida”.

O sentimento por uma “ecologia profunda” não é novidade entre os seres humanos. Uma breve visita à cosmogonia dos diferentes grupos indígenas que habitavam o Brasil quando da chegada portuguesa pode nos dar uma idéia, tais o respeito, a doçura e a poesia da relação daqueles homens e mulheres com a natureza e com os outros seres da natureza. O mesmo parece se repetir com outros povos habitantes primeiros das Américas. Segundo consta, o chefe Seattle, dos índios duwamish, perguntou, em 1855, ao presidente norte-americano Franklin Pierce, o qual lhe propusera comprar as terras indígenas:

“É possível comprar ou vender o céu e o calor da terra? Tal idéia é estranha para nós. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como você poderá comprá-los? Cada pedaço desta terra é sagrado para o meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada areia da praia, cada bruma nas densas florestas, cada clareira e cada inseto a zumbir são sagrados na memória do meu povo. A seiva que corre através das árvores carrega as memórias do homem vermelho.”

Aliás, as raízes remotas para uma ecologia profunda podem, quiçá, ser encontradas na própria história da Filosofia da Natureza. Esta mostra uma permanente alternância entre:

a) o pensamento idealista ou vitalista, que aplica a idéia de organismo aos seres aparentemente inanimados e por isso entende a natureza como um grande organismo vivo, divinizado, e coloca o princípio do movimento da natureza dentro dos próprios corpos que se movimentam e se ligam a cada parte do cosmo por intermédio de uma ordem intrínseca à própria natureza, e

b) o pensamento racionalista (mecanicista, atomista – no atomismo de Leucipo e Demócrito de Abdera<sup>11</sup> começa a secularização da natureza e, conforme o autor Robert Lenoble, o atomismo é uma “vontade de atomizar a natureza inteira” para “torná-la penetrável ao espírito humano”<sup>12</sup>), que entende a natureza como uma máquina desprovida de vida própria, de alma, cujo movimento é sempre causado por fatores de fora.

Essa situação oposta de pensamentos, contraditória, permanece e acentuou-se com o apogeu do Iluminismo, da era do racional, posto que o pensamento idealista sempre pareceu um tanto próximo do obscurantismo. O homem moderno foi ensinado a estranhar todo tipo de conhecimento que não fosse obtido através do raciocínio claro, da explicação matemática e mecânica e, assim, foi-se distanciando dos demais seres da natureza, todos esses não portadores da capacidade do raciocínio. Seja como for, tal contradição segue habitando nosso próprio interior, fazendo-nos agir de forma intermitente entre um e outro extremo: ora totalmente racionais, materiais e reducionistas no que concerne aos ganhos e prazeres de uma vida mundana, ora holísticos e transcendentais no que concerne à explicação dos por quês e do sentido... Quanto ao movimento, o atomismo acabou por resolver o antigo debate entre o devir de Heráclito e o ser permanente de Parmênides e, no dizer de Márcia Gonçalves:

“O atomismo apresenta uma solução alternativa para esse antigo impasse filosófico, inaugurando uma explicação materialista e mecanicista, que tem como principal consequência a desmitificação total da natureza.”<sup>13</sup>

Saltando para a Idade Média, o que encontraremos de destaque quanto à Natureza é a formulação de Santo Agostinho que, apesar de criativa, cinde a Natureza numa porção criadora, causadora e divina, a *natura naturans*, e noutra porção criada e não tão divina assim, a *natura naturata*, restando ambas apartadas. Não deixa de ser uma retomada da visão mítica para o surgimento da Natureza. Das tentativas que aconteceram de se compatibilizar ambas as visões, a melhor que ocorreu foi a de se imaginar a natureza como um espelho da imagem de Deus (*imago Dei*) e, daí, a metáfora do livro sagrado, que equivale a natureza à sagrada escritura. Essa metáfora será posteriormente banida por Tomás de Aquino, que estabelece a *natura naturans* de fato como causa da *natura naturata*, enxergando os seres da natureza como que submetidos a uma hierarquia contínua cujo topo é o ente perfeito, ou Deus.

Com o desenvolvimento da Idade Moderna iremos perceber, pouco a pouco, a consolidação de um pensamento empirista e mecanicista sobre aquele vitalista e a *natura naturata* passa a ser o grande objeto de pesquisa e dissecação dos cientistas da natureza. Aportamos, então, no consolidadíssimo porto denominado *Princípios da Filosofia*, obra de

1644, de René Descartes. O grande racionalista francês, que também ‘geometriza’ a natureza, transforma toda a matéria natural do universo na “matéria extensa”, a verdadeira essência da natureza, que pode ser concebida pela matemática, mas não apreendida pelos sentidos. Esse mecanicismo cartesiano tem duas importantes consequências: uma, a de se distanciar de uma compreensão teleológica da natureza, à forma de Aristóteles, e outra – e impactante – a de equivaler a natureza a uma grande máquina, um relógio imenso cujo movimento, determinado por uma ação primeira, poder-se-ia manter. Por que impactante? Porque dessa concepção fortemente racional acaba por derivar, à custa do princípio da causalidade, a sensação de que tudo tem sempre uma causa externa, em nada do mundo natural existe imanência, não há alma na natureza nem em nós, não há uma alma do mundo.

Contudo, a grande questão não é o debate a respeito de uma alma transcendental, mas sim – no aspecto muito mais pragmático – se o universo, o mundo, a natureza, nós, somos máquinas, então é-nos lícito apertar e desapertar parafusos a fim de melhorarmos a eficiência (?) dessas máquinas segundo as conveniências pessoais, momentâneas, políticas, etc. Ora, bem se vê que por aí está sendo desconstruída uma cadeia de valores morais e éticos que pode dar sustentação à própria vida, à própria máquina. Ademais, como tanto outros pesadores já o fizeram, sempre caberá a pergunta: e quem (ou qual ou como) foi o relojoeiro que pôs o relógio a andar?

Só com Schelling (1775-1854)<sup>14</sup>, físico que procura insistentemente um caminho menos mecanicista para a física, e que é apontado como um dos maiores filósofos da natureza, é que esta voltaria a ser menos coisa (*res*), e a *natura naturata* ganharia, até, ares de sujeito e não seria apenas objeto. Como sujeito, a *natura naturata* se encarregaria de seu próprio movimento, regido pela produtividade e evidenciado por meio dos produtos objetivados da natureza, como os seres capazes de, por si, desenvolver processos, sínteses e movimentos.

Schelling descreve a natureza como “espírito visível” e o espírito como “natureza invisível”, sugerindo uma “absoluta identidade do espírito *em* nós e da natureza *fora* de nós.”<sup>15</sup> Para ele há na natureza um movimento contínuo de autoformação no espaço e no tempo e os seres humanos são o fim último dessa história, sendo que a autoconsciência humana constitui o despertar do sono da matéria. Schelling vê a natureza como um organismo vivo, assimétrico, composto por detalhes, por acidentes, de onde surge o belo. Pela contemplação estética da natureza, o eu schellinguiano dissolve-se e se integra no todo, na infinitude, em Deus. Deus é compreendido pelo autor como um fenômeno: é natureza, e gradativamente revela-se com as transformações da natureza, o que possibilita que Ele se auto-descubra o tempo todo.

Em 1866, o naturalista e médico alemão Ernest Haeckel (1834-1919), divulgador dos trabalhos de Darwin, propôs a criação de uma “nova disciplina”, que seria chamada de “ecologia”, com o fito de designar a parte da biologia que estuda as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, além da distribuição e abundância dos seres vivos no planeta. Cem anos de amadurecimento e descobertas se passaram para que, então, a humanidade começasse a se preocupar com a necessidade de reunião do saber da ecologia com o da filosofia.

Assim, a ecofilosofia, área recente de aplicação do conhecimento humano, pauta-se por outro tipo de paradigma no que tange à sua visão e à sua crença. Firma-se numa interpretação de mundo e natureza contrária à visão positivista, de superioridade da ciência e que, por isso mesmo, tanto tem influenciado a maior parte de nossos cientistas até hoje. A ecofilosofia vê o meio ambiente como algo bem mais complexo do que o simples ambiente físico. Ela abrange, além deste, o conhecimento do ambiente mental e do ambiente social. Portanto, a *casa* não é apenas um espaço vazio, mas um estado habitado, onde atores individuais e coletivos interagem com interesses concordantes e/ou conflitantes.

O psicanalista francês Félix Guattari<sup>16</sup> aprofundou o termo ecosofia em resposta a lacunas da Ecologia e questionamentos do ambientalismo dos anos 1970 e 1980. Ele sustenta que o ambientalismo geralmente obscurece a complexidade da relação entre os seres humanos e seu ambiente natural através da manutenção da separação dualista dos sistemas humano (cultural) e não humano (natural). Ele percebeu a ecosofia como um novo campo, com uma abordagem holística e monística, e escreveu<sup>17</sup>:

“Sem modificações do meio social e material, não pode haver mudança nas mentalidades. Aqui, nós estamos na presença de um ciclo que me leva a postular a necessidade de encontrar uma ‘ecosofia’ que poderia ligar a ecologia ambiental à ecologia social e à ecologia mental.”

O conceito de Guattari das três ecologias interativas e interdependentes – a da mente, a social e a ambiental – se desenvolve a partir do esboço ou da idéia básica e geral das três ecologias apresentadas no livro de Gregory Bateson *Steps to an Ecology of Mind*<sup>18</sup>.

Entende Guattari que a reação à crise ecológica só se dará em dimensão planetária quando da ocorrência de uma autêntica revolução política, social e cultural, a qual deverá ter relações de forças visíveis em grande escala e as de domínios moleculares de sensibilidade, inteligência e de desejo; vale dizer, as relações da humanidade com o *socius* (cultura), a psique (o homem), e a natureza (meio ambiente). Segundo o autor, surge uma nova perspectiva ecológica, com três marcos: o do meio ambiente, a ecosofia ambiental; o das

relações sociais, a ecosofia social (e vale o destaque para as micropolíticas); e o da subjetividade humana, a ecosofia mental.

Quanto à ecosofia social, como raciocina Guattari, com nossa recusa a encarar as degradações ecosóficas que temos perpetrado, parecemos estar nos confinando a um empreendimento de infantilização da opinião e neutralização destrutiva da democracia. A comunidade humana e suas relações com o planeta deixam de ser preocupações, mesmo que as atitudes capitalistas coloquem em risco a vida, a começar pelas abissais diferenças sociais. Segundo se divulga, o mundo atual tem dois terços da população sem condições de sustentabilidade: não têm o que comer, o que vestir, não conhecem condições básicas de vida. As ações para que tão terrível cenário possa ser revertido são ainda incipientes e, de qualquer sorte, também não têm sustentabilidade em si. O ser humano, padronizado pela mídia e por ela amoldado a um conformismo consumista (*rebanhista...*), deixou de ser humano, porque deixou de ser racional, abrindo mão de suas faculdades e de seu poder de análise crítica. O ser humano está penhorando seu cérebro! Consoante Guattari, é preciso que modifiquemos as maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto humano, do trabalho, a fim de que haja a reconstrução do *ser-em-grupo* e aconteça a promoção de um investimento afetivo e pragmático em grupos humanos, originando uma ecologia social.

Concernente à ecosofia mental, os organismos e outros sistemas abertos quando não suportam mais a pressão evolutiva, em vez de desmoronarem, reprojeta-se em novos numa ordem maior. Há a discussão de que entrar em crise pode ser por conta de um processo de destruição, mas também pode ser uma nova perspectiva surgindo, uma nova ordem de existência, de transcendência, em direção a uma condição íntima do homem consigo e com sua ecologia, buscando um reencantamento do mundo, para *além* do caos (um além-homem talvez)... Assim, Guattari julga que se faz necessário recriar a relação do sujeito com o inconsciente, com o corpo, com o tempo que passa e com os mistérios da vida e da morte, para que, por meio de uma ecosofia mental, percebamos nossas verdades numa dimensão ético-estético a serviço de um efeito de auto-referência existencial.

Não sem sentido já falava Nietzsche da necessidade do pensador recolher-se em isolamento para melhor perceber a si e ao mundo em que está, apontando, inclusive Buda, Spinoza e Thoreau (cuja filosofia abordamos em artigo anterior, referido na nota 1). Arne Næss tem feito regularmente o mesmo, em sua cabana. E nos parece que seja essencialmente didático e necessário que esses isolamentos se dêem no âmago da natureza. Parece-nos também que não pode haver Educação Ambiental, sobretudo para jovens e adolescentes, sem um contato íntimo e real com a natureza, ainda que intermitente.

E já que chegamos a Arne Næss, chegamos também à Noruega, que tem sido um país pioneiro no campo de publicações a respeito de ecofilosofia. Daí a dificuldade que nós, das línguas latinas, temos tido para acesso a toda literatura já produzida por pensadores noruegueses, que só agora – e pouco a pouco – começa a ganhar traduções para o inglês, o alemão e o francês. Lá, nos anos 1970, o pensamento ecológico já se ramificava em pelo menos quatro diferentes braços:

- A ecosofia – de Arne Næss, cuja ética se sustenta no princípio da igualdade entre as espécies;
- A ecofilosofia – de Sigmund Kvaloy<sup>19</sup>, que destaca o intercâmbio incessante sociedade-pessoa;
- O criticismo histórico da opinião científica do mundo – de Hjalmar Hegge<sup>20</sup>;
- A biosofia – de Peter Zapfe<sup>21</sup>, que salienta o modo como os homens conduzem sua existência.

Nos países anglo-saxões, podem-se constatar ao menos cinco principais correntes da ecofilosofia:

- A ética ambiental – que alinha muitos escritores (ver revista *Environmental Ethics*<sup>22</sup>);
- A ecofilosofia cultural – de Henryk Skolimowski e Thomas Berry, por exemplo;
- A ecologia profunda – de George Sessions, Bill Devall, Warwick Fox, dentre outros;
- a ecologia social – de Murray Bookchin e de outros pensadores próximos da tradição anárquica;
- o feminismo ecológico ou ecofeminismo.

Em 1973, o filósofo norueguês Arne Næss (que prefere falar em ecosofia, isto é, a sabedoria – *Sofia*, ligada ao meio ambiente – *Eco*), propôs a Ecologia Profunda<sup>23 24</sup>. Næss (professor de Filosofia da Universidade de Oslo de 1939 a 1969) foi o profeta desta Ecologia Profunda, segundo a qual a natureza possui valor em si mesma (portanto reside nesse entender um intenso princípio ético e moral), independentemente de sua utilidade econômica para o ser humano. Esta idéia central da Ecologia Profunda expressa a constatação prática de que o homem é parte inseparável, física, psicológica e espiritualmente, do ambiente em que vive. Para Næss, com esse novo pensamento deve-se buscar “uma visão de mundo filosófica ou

sistêmica inspirada pelas condições de vida na ecosfera”. Ao formular e propor as bases da Ecologia Profunda, Næss se norteou pela filosofia de desobediência civil pacífica do indiano Mahatma Gandhi (1869-1948) e pelo pensamento do filósofo racionalista neerlandês, de origem portuguesa, Baruch Spinoza (1632-1677), que disse:

“As coisas nos parecem absurdas ou más porque delas temos um conhecimento parcial, e nós somos completamente ignorantes quanto à ordem e à coerência da natureza como um todo.”

A ecosofia de Næss (ecosofia T, o nome de sua filosofia pessoal: o ‘T’ se refere a Tvergastein, uma montanha onde ele produziu muitos de seus escritos e concebeu a visão de que cada um deve desenvolver sua própria filosofia<sup>25</sup>) empenha-se em construir uma visão total e compreensiva da situação humana e individual e, para tanto, ressalta que o indivíduo está incluído no meio ambiente, não se aparta dele, **é seu constituinte** (grifo nosso). O eu faz parte do mundo (e queremos agregar que esse mundo não é apenas o planeta Terra, mas tudo que está além dele, bem como tudo que está para dentro do homem) e se ambos têm natureza similar, substância equivalente, ousaríamos ir adiante e pensar na hipótese de que o mundo está no eu, o que remeteria, de pronto, a uma visão muito próxima à de Nicolau de Cusa<sup>26</sup>, em sua concepção do homem como microcosmo:

“Todas as coisas têm uma relação e uma proporção com o universo. A perfeição da totalidade do universo resplandece mais naquela parte que se chama ‘homem’. Por isso, o homem é um mundo perfeito, embora seja um pequeno mundo que é parte do grande mundo. Portanto, aquilo que o universo tem de modo universal o homem o tem de modo particular, próprio e distinto. E como só pode haver um universo, mas podem existir muitos seres particulares e distintos, uma multiplicidade de homens particulares e distintos porta em si a espécie e a imagem de um único universo perfeito.”<sup>27</sup>

A visão de homem de Nicolau de Cusa é bastante interessante, já que para ele o indivíduo é o *microcosmo* ao lado do *macrocosmo*. No indivíduo convivem poder criador, liberdade e espontaneidade e, assim, ele se torna um sujeito substancial com individualidade única e independente, algo como um mundo real em miniatura (de Cusa busca essa inspiração no Mestre Echardo, que já havia acrescentado à idéia do universal a cultura do individual). Porém, como a multiplicidade das forças no macrocosmo é reduzida à unidade pela idéia única do Todo, assim também, acima da individualidade do particular, está a idéia do seu eu melhor, para que a vida, pulsando no espaço e no tempo, não se desfaça no absurdo, no acaso, no azar, no capricho. Destarte, o homem se alça sobre o mundo e a sua matéria e é levado agora pela primeira vez a concentrar-se em si mesmo.

Paremos com de Cusa nesse ponto, porque daqui para frente ele enveredará numa formulação que coloca o homem noutro mundo, superior, fora do natural, um mundo ideal,

com conotações místicas (muito embora esse seu direcionamento tenha sido importante para o próprio Immanuel Kant quando este batalha por mostrar o fato moral da razão prática isenta de todo "elemento material" a fim de o homem se informar a si mesmo). Fiquemos com essa grata percepção: a de que somos micro e macro, de que em nós convivem potencialidades duais, de que não sou apartado de uma realidade outra fora de mim. A sensação de que pertencço ao todo, estou no todo e ele está em mim será de enorme valia para a construção de uma outra ordem de valores, que não o valor utilitarista da natureza, posto que implicará num sentimento respeitoso e de irmandade (mas não de sacralização) a tudo quanto nos cerca.

Em sentido comparável ao que acabamos de expor, somos forçados a pensar também na filosofia de Arthur Schopenhauer, que tanto influenciou outros pensadores<sup>28</sup>. De seu vigoroso sistema resulta que todos os objetos (fenômenos), incluindo aí o homem, têm uma essência comum, a Vontade. Tal Vontade, para Schopenhauer, essência de todas as coisas, a coisa-em-si, é um ímpeto, uma força vital, um esforço de vida, um impulso cego, um querer viver incessante que seria o fundo íntimo e essencial de todo o universo. Logo, se temos a mesma essência do mundo, a mesma Vontade do Universo, a qual não apresenta qualidade diferente de um para outro ser, só podemos estar pertencendo eternamente ao todo universal, e não somos observadores de passagem, experimentadores científicos, sentados a bordo de nossa nave espacial-especial que não se imiscui com seu entorno. Em *O mundo como vontade e representação*, diz Schopenhauer<sup>29</sup>:

"Suponhamos que nos perdêssemos a contemplar a infinitude do mundo no tempo e no espaço, quer refletíssemos sobre a multidão dos séculos passados e futuros, quer durante a noite o céu nos revele, na sua realidade, mundos sem número, ou que a imensidão do universo oprima, por assim dizer, a nossa consciência: neste caso, sentimo-nos reduzidos ao nada; como indivíduo, como corpo animado, como fenômeno passageiro da vontade, temos a consciência de não ser mais do que uma gota no oceano, isto é, de nos dissiparmos e de desaparecermos no nada. Mas, ao mesmo tempo, contra a ilusão do nosso nada, contra esta mentira impossível, eleva-se em nós a consciência imediata que nos revela que todos esses mundos existem apenas na nossa representação; eles são apenas modificações do sujeito eterno do puro conhecimento; são apenas aquilo que sentimos em nós, desde que esquecemos a individualidade; em resumo, é em nós que reside o que constitui o suporte necessário e indispensável de todos os mundos e de todos os tempos. A grandeza do mundo, que há pouco espantava-nos, agora reside, serena, em nós mesmos: a nossa dependência em relação a ela está a partir de agora suprimida, visto que presentemente é ela que depende de nós. No entanto, não fazemos efetivamente todas estas reflexões; limitamo-nos a sentir, de uma maneira completamente irrefletida, que, num certo sentido (só a filosofia pode precisá-lo), somos um com o mundo, e que, por conseguinte, a sua infinitude ergue-nos, ao contrário de nos esmagar. É esta consciência, ainda completamente sentimental, que os Upanixades dos Vedas repetem sob tantas formas variadas e, sobretudo, nesta frase que citamos mais acima: 'Eu sou todas estas criaturas, e por minha causa não há outro ser' (Oupnekhat, I, 122). Existe aí um êxtase que ultrapassa a nossa própria individualidade; é o sentimento do sublime."

Tal passagem, de beleza ímpar, nos proporciona, como num carrossel de parque de diversões, uma viagem do micro ao macro e, simultaneamente, projeta o humano a uma dimensão maior, soberana, de capacidades inesgotáveis, sem seqüestrá-lo de sua pertinência última e sempre que é o mundo em que vive, ama e representa, pela vontade da vida que há em si e da qual ele é agente e receptor. Ademais, faz-nos questionar um pouco a fama de pessimista atribuída a Schopenhauer.

Feita a ponte, podemos assim retornar a Næss. O filósofo norueguês evitou criar um sistema racionalmente coerente, um circuito fechado de idéias (ícone obrigatório em qualquer grande filosofia), porque isso poderia ser capaz de limitar o conceito de Ecologia Profunda, e preferiu deixá-lo como uma idéia aberta pela qual a variedade da vida é um bem em si. Para Næss, esta ecologia advém do reconhecimento interior (percepção) da nossa unidade com a natureza (sentimento de integração e de pertinência) e, ainda, o único jeito de sensibilizar o homem para o problema ambiental é dar a ele, desde criança, oportunidade de contato com a natureza, mesmo que seja apenas com um pedaço dela. O importante é que esse pedaço não esteja sob o domínio do homem. Também consoante o filósofo, para se tornar adepto da Ecologia Profunda é preciso desenvolver a "sabedoria ecológica", a soma de uma experiência individual intensa de contato com a natureza numa atitude crítica e engajada.

Uma filosofia complexa e muito rica, a ecosofia de Næss tem a auto-realização em seu cerne. Næss diz que todo ser, seja humano, animal ou vegetal, tem igual direito a viver e a tornar-se completo<sup>30</sup>, eis o aspecto ético de sua filosofia. Mas isto não é apenas a ego- ou auto-realização, e sim a realização do ser – o próprio, o auto – por inteiro. Através deste ser inteiro capitalizado, Næss enfatiza, em distinção à realização do eu-individual do homem, a realização de nossos “eus” como parte de uma ecosfera completa. É nessa inteireza ou completude que nosso verdadeiro ser (eu) ecológico pode se realizar. Praticamente, a realização do auto para Næss significa que, se alguém não sabe como os resultados de suas ações afetarão outros seres, ele não deve agir<sup>31</sup>.

Næss definiu a ecosofia da seguinte maneira:

“Com ecosofia eu quero dizer uma filosofia da harmonia e do equilíbrio ecológico. Uma filosofia como uma espécie de *sofia* (ou) sabedoria, é abertamente normativa, ela contém ambas normas, regras, postulados, priorização de valores e hipóteses concernentes ao estado dos negócios em nosso universo. Sabedoria é sabedoria política, prescrição, não apenas descrição científica e predição. Os detalhes de uma ecosofia mostrarão muitas variações devidas a significantes diferenças relativas não apenas aos fatos de poluição, recursos, população, etc., mas também de valores prioritários.”<sup>32</sup>

Em suma, o mais vigoroso comentário de Næss é o de que para proteger a Terra, temos que ter a humildade de nos tornar coadjuvantes – e mergulhar profundamente nesse propósito.

O quadro 1 reproduz a entrevista que Arne Næss concedeu à revista Superinteressante, da editora Abril, publicada no corpo da matéria *De bem com a natureza - Mudanças no cotidiano das pessoas em relação à preservação da natureza* (edição 146 – novembro de 1999).

Quadro 1. Entrevista de Arne Næss à revista Superinteressante  
(fonte: [http://super.abril.com.br/superarquivo/1999/conteudo\\_117984.shtml](http://super.abril.com.br/superarquivo/1999/conteudo_117984.shtml)).

SUPER - Como o senhor vê o futuro do planeta?

Arne Næss - Estou pessimista com o próximo século. Todo mundo quer adotar um alto padrão para o seu cotidiano e isso não deixa ninguém mais feliz, só piora a situação da Terra. Mas eu acredito que no século XXII as pessoas estarão vivendo melhor e de um jeito mais simples.

Como o senhor imagina o século XXII?

Imagino um mundo dividido em unidades pequenas. Mas não será uma anarquia. Continuaremos precisando de governos democráticos para dar apoio às artes, às ciências, às universidades.

O que mudou desde o surgimento do ambientalismo?

A quantidade de gente consciente tem crescido, mas os problemas também. Há uma forte internacionalização dos mercados e continuamos emitindo níveis insustentáveis de poluentes.

Será preciso uma catástrofe para mudar isso?

Espero que não. Mas, só quando sérios problemas afetarem o estilo de vida nos países ricos - com muito consumo e impacto exagerado no ambiente -, deverá se generalizar a consciência de que esse modelo é impraticável. Nós, do Primeiro Mundo, precisamos mudar e cooperar com o Terceiro Mundo para que seu povo não caia no falso ideal. Somos os responsáveis pela crise. Cem bebês em Bangladesh causam menos impacto que um bebê americano ou norueguês.

A população já chegou à marca dos 6 bilhões. Como o senhor vê isso?

Não é "o" grande problema. Se não for discutido junto com outros problemas, como o nível de consumo nos países ricos, não chegaremos a lugar nenhum. Talvez uma solução seja dar incentivos fiscais para alcançar a redução populacional. Quem não tem filhos poderia receber 20% a mais de aposentadoria em recompensa por ter causado um impacto menor.

O que se deduz, do quanto foi discutido até aqui, é que Guattari e Næss nos conclamam a agir de forma simultaneamente ecocêntrica e egocêntrica (eco-ego), pelo melhor interesse do planeta.

Nos anos 1980, foram estabelecidos os fundamentos da ecofilosofia, os oito *Princípios da Plataforma do Movimento da Ecologia Profunda*<sup>33</sup>:

1. O bem-estar e o florescimento da vida humana e da não-humana sobre a terra têm valor em si próprios (sinônimos: valor intrínseco, valor inerente). Esses valores são independentes da utilidade do mundo não-humano para propósitos humanos.
2. A riqueza e a diversidade das formas de vida contribuem para a realização desses valores e são valores em si mesmas.
3. Os humanos não têm nenhum direito de reduzir essa riqueza e diversidade exceto para satisfazer necessidades humanas vitais.
4. O florescimento da vida humana e das culturas é compatível com uma substancial diminuição na população humana. O florescimento da vida não-humana exige essa diminuição.
5. A interferência humana atual no mundo não-humano é excessiva, e a situação está piorando rapidamente.
6. As políticas precisam ser mudadas. Essas políticas afetam estruturas econômicas, tecnológicas e ideológicas básicas. O estado de coisas resultante será profundamente diferente do atual.
7. A mudança ideológica é basicamente a de apreciar a qualidade de vida (manter-se em situações de valor intrínseco), não a de adesão a um sempre crescente padrão de vida. Haverá uma profunda consciência da diferença entre grande e importante.
8. Aqueles que subscrevem os pontos precedentes têm a obrigação de tentar implementar, direta ou indiretamente, as mudanças necessárias.

Os três primeiros princípios da *Plataforma* relacionam-se com o tema da biodiversidade que valoriza todos os seres vivos, pois todos se inserem em ecossistemas e têm, cada qual, seu papel a exercer, mesmo que isso não traga vantagens imediatas para os humanos (sempre à luz dos conhecimentos atuais...). Como vimos, a ecologia profunda é ecocêntrica, ao contrário de movimentos também ecológicos que são antropocêntricos, como o da ecologia rasa. Um delineamento propriamente filosófico mais refinado da ecofilosofia pode ser estudado no texto *Tre Approcci all'Eco-filosofia*<sup>34</sup>, de Olli Tammilehto. As três abordagens a que se refere o artigo são: a ética, a ontológica e a social.

A ecologia profunda, obviamente, se contrapõe a uma "ecologia rasa ou superficial", que também poderia ser rebatizada de "ecologia utilitarista", ou seja, a visão convencional de que o meio ambiente é necessário e deve ser preservado exatamente por causa da sua importância provedora para o ser humano.

Quanto à ecologia rasa<sup>35</sup>, queremos transcrever o seguinte parágrafo, do artigo *A Ecologia Profunda*<sup>36</sup>, de Hildo Honório do Couto<sup>37</sup>, publicado na Revista Meio Ambiente:

“O movimento da ecologia rasa pode até lutar contra a poluição e a depredação dos recursos naturais. Mas, seu objetivo central é a saúde e o bem-estar dos povos dos países desenvolvidos, uma vez que põe em primeiro plano o desenvolvimento econômico, não o desenvolvimento pessoal. Portanto, contrariamente ao movimento da ecologia profunda, não vai a fundo nas questões ambientais. Ele se atém a interesses humanos de curto prazo. Ele é formado por movimentos e idéias pretensamente ambientais que, a despeito de bem intencionados, não têm por objetivo modificar o atual estado de coisas. Por serem antropocêntricos, freqüentemente, chegam a justificar a depredação da natureza em nome de um passageiro bem-estar humano.”

Quase toda a ecologia rasa, principalmente sua práxis, como as licenças e compensações (e o arsenal inútil do mecanismo comando-controle) se fixa num alicerce insustentável quanto a uma análise lógica, pois está fincada não numa essência, mas sim numa aparência. Tomando Heidegger e sua distinção entre o ente e o ser, diríamos que a ecologia rasa se ocupa, ou tenta se ocupar, do ente e da forma de sua existência (que seria um ambiente razoavelmente remediado e à disposição permanente do ser humano) e não do ser e de sua essência maior, de potência a se realizar numa transcendência superior, pós-angústia. Aliás, a angústia maior reside no fato de os poucos mais elucidados perceberem que a destruição ambiental não é uma destruição de parte do ente e sua existência, mas uma real anulação irreversível do ser e de sua essência; portanto tal angústia, nesse sentido, é o medo do aniquilamento e da morte.

Licenças e compensações são estratégias não muito distantes da indecência e, se tirados os eufemismos do bem comportado capitalismo de bons moços, poder-se-ia rebatizar o sistema de licenciamento por *tecnicazinha licenciativa* do gênero: se está definido que você me matará, então, ao invés de cinco balas, fixo-lhe a condicionante de que o faça com três... o que, sem dúvida, está muito mais para licenciabilidade do que para licença. Ademais, a todo rigor crítico, uma licença ambiental nada mais é do que um esgarçado arranjo superficial de uma já rasa prática ecológica... E prosseguindo no mesmo dito rigor, as tais compensações ambientais, sob o crivo ético-filosófico mereceriam a seguinte acinzentada metáfora: já que você pretende decepar meu braço direito, então você deverá fazer com que cresçam as unhas de minha mão esquerda!

A ecologia profunda quer questionar os valores de nossa civilização “ocidental”, fundamentada na economia e não na ecologia. Naess chega a destacar que numa civilização o importante não é seu *índice de desenvolvimento econômico* (medido como PIB, por exemplo),

mas, que seu real desenvolvimento só se mostrará por um *índice de desenvolvimento humano*, (IDH em vez de PIB). Cumpre notar que o eco-economista Lester Brown acredita que economistas e ecologistas deveriam trabalhar juntos, visando a averiguar o ônus do desenvolvimento econômico, como: exaustão dos recursos naturais, desmatamentos, diminuição dos mananciais de água, efeito estufa, etc. Pensamos como Lester Brown quanto a isso, deveriam mesmo trabalhar juntos, e muito, e rapidamente, porque a pressão econômica sobre a natureza já se tornou insustentável. E essa pressão econômica, sob o comando do capitalismo, sistema hoje hegemônico no planeta, sem contrapontos, tende a crescer incessantemente, na mesma medida em que o capitalismo (que já foi um capitalismo democrático) metamorfoseou-se num supercapitalismo<sup>38</sup>.

A ecofilosofia considera as diversidades, mas, ainda que para cada indivíduo o importante seja sua auto-realização, ele deve levar em conta a auto-realização dos demais.

Portanto, a ecofilosofia se notabiliza por uma tolerância na qual crenças distintas podem ser acomodadas. Para isso, imaginou-se uma estratégia com quatro Níveis de Questionamento e Articulação:

- Nível I, o das Premissas Primeiras, em que estão os princípios que cada um adota; suas convicções pessoais. Podem estar aí os seguidores do cristianismo, do taoísmo, da ecosofia de Næss, assim como pode se incluir a minha ecosofia, a visão de mundo do leitor e assim por diante. Esses movimentos só são aceitáveis pelos seguidores da ecologia profunda quando se enquadram nos preceitos do Nível II;
- Nível II, que é o Movimento dos Princípios da Plataforma vistos antes;
- Nível III, o das políticas seguidas. Dependendo das Premissas Primeiras que o indivíduo postula, ele poderá ter uma política *A*, *B* ou *C*, mas sempre sabatinada pelos princípios do Nível II;
- Nível IV, o das Ações Práticas, que podem ser *W*, *X*, *Y*, etc. É o nível em que se aplicam os princípios na intervenção sobre o mundo, a qual, contudo, deve se dar apenas de forma pacífica.

Pode haver muita variação de estratégia no Nível III e de tática no nível IV, contanto que não sejam desrespeitados os Princípios do Nível II. Ao final, tudo converge para a valorização da diversidade, o respeito por todas as formas de vida, e até mesmo pela natureza mineral.

Outros pensadores, preocupados igualmente com a questão, deram imensa contribuição ao avanço do pensamento ecológico, vale dizer, da ética ecológica profunda. A partir dos anos 1980 nomes como Edward Goldsmith<sup>39</sup>, Henryk Skolimowski<sup>40</sup> e Warwick Fox<sup>41</sup> lançaram textos baseados nos conceitos da Ecologia Profunda. A nova física com David Bohm<sup>42</sup>, Fritjof Capra<sup>43</sup>, Gregory Bateson<sup>44</sup>, e a nova biologia, com Rupert Sheldrake<sup>45</sup>, bem como os trabalhos de James Lovelock<sup>46</sup> e Humberto Maturana<sup>47</sup>, entre outros, conferiram ainda mais fôlego científico às idéias relacionadas à Ecologia Profunda. Convém, também, referências a Morris Berman<sup>48</sup>, com seu *O reencantamento do mundo*<sup>49</sup>, bem como a Michel Serres<sup>50</sup> com *O contrato natural*<sup>51</sup>.

Apenas de passagem, caberia lembrar que a questão do processo de desencantamento com relação às coisas desse mundo e, portanto, para com os elementos da natureza, é muito mais ampla, complexa e antiga do que se supõe. Basta dizer (como mesmo já apontou Weber) que a doutrina cristã é fortemente desencantadora, no sentido de não admitir quaisquer formas de pensamento mágico ou de idolatrias, e tal traço do pensar cristão repousa fundo nos preceitos do Antigo Testamento. Segundo tal ver, apesar de Deus ter criado o que somos e tudo que nos cerca nesse mundo, nada de nós e do que está em nosso entorno tem divindade, pertencendo esta a transcendências de outra ordem. Mas essa é uma vastíssima discussão, de cunho filosófico e teológico, que não pertence a nosso propósito, porém influencia de forma cabal o que nos acontece, também, no campo ambiental.

## **Estética, Ética e Prática Ambiental**

### ***Estética Ambiental***

Disse Dostoievski: “a beleza salvará o mundo”. Assim seja! Mas para que tão bem-vinda profecia se dê, é preciso que, antes, o ser humano não destrua a beleza que está no mundo, que precisa ser salvo. Curioso esse desvio, mas verdadeiro. Apenas a beleza ímpar e irreprodutível da natureza – a não ser por ela própria – poderá ‘encantar’ esteticamente o homem a ponto de elevar de tal modo seus valores que ele, fascinado por esse belo, nele se integre e encontre plenitude (o que seria, portanto, antídoto para a sensação de finitude).

Antes que nada, por que uma estética ambiental? Respondamos com o já citado Schelling, para quem o homem, sabendo-se finito, pode, pela contemplação estética da natureza, realmente vivenciar momentos de infinitude, de absolutez, experimentando a atemporalidade.

Então, comecemos por não menos que uma citação do *Fausto*, de Goethe:

“Mefistófeles:

Falaste, amigo, com razão extrema.  
Há, para remoçar-te, um natural sistema;  
Mas noutro livro está escrito,  
E é um capítulo esquisito.

Fausto:

Quero sabê-lo.

Mefistófeles:

Bem! Um meio há, para isso:  
Sem médico se obtém, sem ouro e sem feitiço.  
Vai para o campo, incontinentemente,  
Maneja a enxada, ativa o arado,  
Conserva-te a ti próprio e a tua mente  
Num círculo chão, limitado,  
Com alimento puro, nutre-te qual gado,  
Vive entre o gado, em suores cotidianos,  
Adubar pessoalmente o campo e o agro não temas;  
Por remoçar-te de setenta anos,  
Crê-mo, o melhor é dos sistemas.”<sup>52</sup>

Aqui, como todos concordam, temos a arte em estado puro, no mais elevado quilate a que o ser humano poderia aspirar produzir. Temos a manifestação de um profundíssimo saber de vida veiculado pela mais estonteante estética literária jamais concebida. Uma densíssima, vasta e definitiva reflexão a respeito do ser, seu dilema maior diante da vida e da morte, na forma de versos perfeitos que ecoam tempos afora. E o que encontramos? Uma receita prática e quase que singela de como se viver bem e remoçar: viver no campo, nutrindo-se naturalmente *qual gado*. Deixa-nos perplexos que receita tão correta seja prescrita justamente pelo demônio. Lembremo-nos que quando Goethe pôs na garganta de Mefistófeles tão apropriado aconselhamento (levianamente desconsiderado pelo Fausto), a industrialização do mundo pelas mãos tecnologizantes da nova Ciência estava só começando e o autor pouco poderia imaginar de tudo que hoje conhecemos mais a fundo e estamos aqui a discutir. Enfim, o que se apreende dessa faustosa passagem é que perder a receita da vida natural em escala acelerada não nos faz nem um pouco bem, nem a nós nem ao ambiente, envelhece-nos, e se quisermos ser mais sábios do que o diabo, ao lado do bom uso das conquistas materiais produzidas pela modernidade precisamos, imediatamente, contrapor um senso estético moral e contemplativo de uma vida em comunhão com o fluxo e o ritmo da natureza.

A estética, ainda chamada de filosofia das belas-artes, tida como “ciência” que trata do belo em geral e do tipo de sentimento que ele nos desperta, pode ser esmiuçada pela análise filosófica, mas ela é posta em evidência pelo trabalho do artista.

Por exemplo, vamos nos socorrer de uma arte popular de elevado valor e carga dramática que é o tango. Nesse gênero, um dos grandes compositores argentinos foi Enrique Santos Discépolo. De sua autoria é uma oportuníssima composição, *Cambalache* (cambalacho = ardil, dolo; barganha, transação ardilosa e com intenção de dolo), que desde 1935 tem feito longa carreira, e cuja letra diz:

### ***Cambalache***

Letra e Música de Enrique Santos Discépolo

Que o mundo foi e será uma porcaria,  
já sei;  
em quinhentos e seis  
e em dois mil também;  
que sempre tem havido safados,  
malandros e gatunos,  
contentes e descontentes,  
sinceros e falsos,  
porém que o século vinte é uma piada  
de turma insolente  
já não há quem negue;  
vivemos revirados em um merengue  
e em um mesmo lodo todos manuseados.

Hoje resulta que dá no mesmo  
ser direito ou traidor,  
ignorante, sábio, safado,  
generoso, gatuno.

Tudo é igual; nada é melhor;  
é o mesmo um burro que um grande professor.  
Não há ralé nem bacanas;  
os imorais nos igualaram.

Se um vive na mentira  
e outro rouba na sua ambição,  
dá no mesmo ser padre,  
mendigo, rei de paus,  
malandro ou honesto.

Que falta de respeito,  
que atropelo à razão;  
qualquer um é um senhor,  
qualquer um é um ladrão.

Misturado com Stavisky  
estão Dom Bosco e La Mignon,  
Dom Chicho e Napoleão,  
Carnera e San Martin.

Como na vitrine desrespeitosa  
dos cambalachos misturou-se a vida  
e ferida por um sabre sem piedade  
vês chorar a Bíblia contra um bandoneon (ou  
aquecedor).

Século vinte, cambalacho problemático e febril;  
o que não chora, não mama,  
e o que não rouba é um otário.

Venham leis, venham e vão,  
que lá no inferno vamos nos encontrar.

Não penses mais, senta-te a um lado,  
que a ninguém importa se nasceste honrado.  
Que é o mesmo o que trabalha  
noite e dia como um boi  
que o que vive dos outros,  
que o que mata ou o que cura ou está fora da lei.

O tango, escrito durante a ‘Década Infame’, faz um retrato debochado das indignidades perpetradas pela humanidade no Século XX, que ainda estava em sua primeira metade e não conhecera a Segunda Guerra e outras fartas demonstrações de bestialidade. O compositor, pelo recurso da arte, mostra uma realidade anti-estética, ou uma estética do

embrutecimento, da perda de sensibilidade, da formação de um homem preso apenas à trapaça, ao embuste, à busca de vantagem, a tal ponto de nem mesmo valores tidos como sacros resistirem (a Bíblia, as leis). Ademais, numa visão mais ácida, a letra entende que era assim mesmo desde há 1500 anos... O tango, tido aqui como manifestação de arte a apontar uma estética, nos alerta – e aguça nossos sentimentos – para a evidente necessidade que há de mudanças no plano social, no plano das relações humanas, se é que queremos permanecer honrados. Eis um benefício da arte: apontar e despertar, descortinar e inquietar, e isto por meio de uma qualidade inerente tal que nos toca direto à sensibilidade, ao gosto, para só então fazer passeios por nossa razão. O convencimento racional torna-se facilitado quando já houve a conquista sensória e emocional. E não há dúvidas de que estamos precisando deveras do surgimento desse outro homem, que não faça cambalachos nem contra seus semelhantes nem contra a natureza (que, como demonstrado antes, também é sua semelhante).

A Natureza, que não pode e não deve ser reduzida pelo pensamento humano, seja à condição de ente sobrenatural – com forças incompreensíveis e titânicas, sempre prontas ou a castigar ou a exigir sacrifícios –, seja à condição de mero objeto de estudo, de interpretação mecânica e aproveitamento, deve ser apreendida como chance de reunião. E assim mesmo disse em soneto o poeta Ianos Lacerda:

Nem ciência nem mito, a Natureza,  
Aquele que também nós somos, nós;  
A Natureza, que nos pede voz,  
Reclama por amor que a traga acesa!

Ela, chama que não queima, Ela, Alteza  
Que não julga – e estava antes, será após... –  
É a Vida a nos livrar da Morte algoz:  
Minha morte e de minha pequenez.

Pois que se morro mas Ela exubera,  
A Natureza em tudo e que está em mim,  
Sou eu que fico tempo além, sem fim...

Não quero reduzi-la, atroz quimera,  
Persigo o oposto dessas indecências:  
A comunhão serena de existências!

Portanto, a natureza produziu um dia e merece aquele homem que não queira dela apenas auferir vantagens, apenas fazer cambalachos. Ela merece o novo homem, que deveria ser o homem de sempre, aquele com inteligência e sensibilidade suficientes e capazes para apreender sua estética, enaltecê-la e respeitá-la como parceira ‘natural’ e integral da vida.

Estética (que os gregos escreviam *αισθητική* ou *aisthesis*, *aisthetikós*: que sente, que percebe, que compreende, sensível, sentir, perceber) é o estudo racional do belo quanto à possibilidade da sua conceituação e à variedade de emoções e sentimentos que ele suscita. A estética se preocupa com as condições e efeitos da criação artística, com os fundamentos da arte. Obviamente, estética, arte e o conceito de belo estão muito e intimamente relacionados. O oposto de estética é o não sentir, a insensibilidade, ou a incapacidade de percepção: é a anestesia (do grego *anaesthesia*: *an* – com sentido de negação, + a mesma *aisthesis* vista acima). Anestesiadas nos parece que as pessoas têm se deixado estar quanto à seriedade para com a causa ambiental, não mais do que a pura superficialidade imperando.

Em 1750, com a publicação da obra (inacabada) *Aesthetica*, de Alexander Gottlieb Baumgarten, a Estética adquiriu autonomia como disciplina, destacando-se da Metafísica, da Lógica e da Ética. Contudo, o termo Estética aparecera em obra anterior desse autor (*Meditações Filosóficas Sobre as Questões da Obra Poética* - 1735), significando a ciência que trata do conhecimento sensorial que chega à apreensão do belo e se expressa nas imagens da arte (contraposição à lógica, ciência do saber cognitivo).

Assumindo-se que belo seja o ser na condição de perfeição, então belo é a perfeição, é o esplendor da essência do ser. O perfeito é aquilo que dispensa retrabalho, que não carece de retoque. Entendemos que a natureza, em seu longo cadinho de formação (que está longe de haver terminado) seja perfeita, já que nenhum humano desfruta da capacidade de fazer melhor o que ela própria faz.

Por esse raciocínio, a estética da natureza é pura e bela e acabada, mesmo aquilo que à primeira vista possa causar susto ou repugnância. Noutras palavras, por exemplo, uma aranha pode assustar (e aí vão nossos medos históricos, nossas idiosincrasias, nossas projeções fóbicas), mas é inegável que do ponto de vista estético ela é um ser admirável, pronto e acabado, e impossível para nós produzir algo melhor na sua categoria. Resta-nos, então, praticar a inteligência de descobrir a beleza que se insere em tal ser, ainda que isto não implique em abolir uma certa distância segura. Isto quer dizer que precisamos, urgentemente, nos reeducar a perceber o belo. O acentuado tecnicismo da vida atual nos convenceu de que é bonita uma cadeira de aço e couro artificial, mas, por distanciamento, está-nos fazendo cada vez mais crer que é feia uma aranha, e como tal não tem valor, pode ser sacrificada, posto que é uma invasora de *nosso* mundo. (O mais grave ainda é quando o mesmo nocivo sentimento extravasa de seu continente e passa a ser aplicado a outros seres humanos, considerados menores por algum juízo ignóbil qualquer.)

O belo pode ser abordado sob várias formas, ou ciências, que analisam, separadamente, todos os distintos aspectos que o objeto belo apresenta. Dessa forma, poderemos ter uma análise do *metafísico* do belo (ou gnosiologia e ontologia do belo); de seu *psicológico* (ou Estética psicológica do belo); do *moral* do belo; do *educacional*; do *cultural*, sociológico, técnico, industrial, etc. E outros aspectos ainda, como o belo no folclore, na moda, etc. Acrescentaríamos, por fim, a ecologia do belo.

Com Platão, Aristóteles e Plotino, a estética era estudada fundida com a lógica e a ética. Belo, bom e verdadeiro formavam uma unidade. Desse modo, se pretendia alcançar a essência do belo; sempre identificando-o com o bom, tendo em conta os valores morais. No âmbito do belo, dois aspectos fundamentais podem ser particularmente destacados:

- A estética é uma teoria que se tornou ciência normativa, às custas da lógica e da moral (os valores humanos fundamentais: o verdadeiro, o bom, o belo). Ela é uma teoria de um certo tipo de julgamento de valor que enuncia as normas gerais do belo;
- A estética é também uma metafísica do belo, que se esforça para desvendar a fonte original de todas as belezas sensíveis: reflexo do inteligível na matéria (Platão), manifestação sensível da idéia (Hegel), belo natural e belo arbitrário (humano), etc.

Para que uma filosofia eminentemente ambiental se consolide em definitivo e comece a operar para formar um novo homem, em paz e em harmonia com seu destino nesse planeta, sem depredá-lo estúpida e criminosamente, em prejuízo de seu próprio interesse de permanência, é preciso que se descortine, afirme, divulgue uma estética ambiental, que ponha claramente à luz o potencial de belo do que é natural. Partindo-se do pressuposto de que se ama aquilo que se conhece, é preciso que as novas gerações possam conhecer a fundo, e cada vez mais, a natureza (a fundo no sentido da experiência sensorial, da emoção, da história, não necessariamente no sentido da dissecação científica). Para isto, urge que as artes tenham um envolvimento de outra escala com a questão ambiental e recuperem no amplo domínio da sensibilidade o valor imanente do que está no mundo como natural. Pena faz que a arte atual, em escala planetária, esteja tão engajada com o capitalismo, o lucro, a moda, governos, etc., muito mais subserviente do que vanguardista, muito mais interessada em si própria, fazendo-se seu fim (utilitarista) do que em revolucionar paradigmas, muito mais concentrada em luzes

hollywoodianas do que num terno entardecer no cerrado brasileiro... Os artistas e intelectuais modernistas bem mais afeitos aos aspectos de efeito da obra de arte...

Não se defende aqui uma privatização da estética por temática ambiental, porém, que as artes se invistam da importância que realmente possuem – e responsabilidade – como agentes pedagógicos de aculturação da alma humana em sintonia com seu próprio hábitat natural.

Ora, a estética predominante nos tempos atuais (pós-moderna, com diferenças fundamentais quanto a tudo que veio antes dela, incluindo as estéticas modernistas), ligada à destruição dos referenciais passados que vigoraram até há pouco, parece ser uma estética em crise – a chamada "Crise da Representação", que assombra a arte e as linguagens no quadro pós-moderno. O registro do real, o figurativismo, era o principal eixo da pintura até 1870, e do resto da arte, até o pós-guerra. A partir deste momento, valorizou-se a 'entropia' (significando as configurações de mesma energia possíveis para um dado sistema – a entropia no Pós-Moderno<sup>53</sup> refere-se ao fim da proibição, à admissão de todo e qualquer produto, pois, se o regulamento caberá ao mercado, toda produção é considerada mercadoria.): "tudo vale", e todos os discursos são válidos. Em consequência, não existem mais padrões limitados para representar a realidade, surgindo uma crise ética e estética. A justificativa para essa mudança pode ser mais interesseiramente objetiva: com a História apontando para a formação de uma sociedade global (nível macro), todas as visões de mundo pré-existentes (nível micro) não devem ser desprezadas, sob pena de excluir bons mercados consumidores do sistema-mundo capitalista.

O pós-moderno pelo seu caráter policultural, sua multiplicidade, sua hiperinformação, serve bem à constituição de uma rede inclusiva de consumidores. E nisso está presente a dejeção dos referenciais de representação e parece, ainda, não haver muito espaço sócio-midiático para aquilo que critica ou chama a atenção para descaminhos e necessidades de retorno. O indivíduo pós-moderno é submetido a um bombardeio pesado e aleatório de informações parcelares, sem nunca formarem um todo, e com importantes efeitos culturais, sociais, políticos... A vida nos ares pós-modernos é um *show* permanente (mais preocupante ainda é que o show seja a vida do outro, de um *alter*, via televisão, nos programas de *realities*...) e como tal precisa ser tratada, produzida e consumida. No panorama geral não parece haver uma estética do/para o meio ambiente ou a questão ambiental. A alma da pós-modernidade vem pelas cópias e imagens do real, de objetos reais, a reprodução técnica do real, significa desfazer a diferença entre real e o imaginário, ser e aparência, vale dizer, um real mais real e mais interessante que a própria realidade, a arte sendo uma ilusão perfeita do

real, levando a um paulatino esquecimento da imagem natural, da natureza, da verdade natural (aliás, verdade é algo abominado pelo pós-moderno), produzindo o distanciamento do natural, a perda dessa tão vital referência.

Durante o período em que participamos da gestão ambiental pública no Estado da Bahia, tivemos a oportunidade de conduzir um processo planejado e racional de busca de um fortalecimento de senso estético que ajudasse a criar valores e crenças ambientais para populações locais. Assim foi que transformamos cada unidade de conservação da categoria APA – Área de Proteção Ambiental em unidade autônoma de gestão dentro do sistema, com sede e corpo profissional próprio e exclusivo. A partir desse patamar administrativo, para cada APA (ou conjunto delas) foram criados e lançados:

- Uma tela símbolo, ícone pictórico criado por algum artista baiano. Essa iniciativa materializou-se de forma muito bela em mais de duas dezenas de painéis ao longo do muro na sede do órgão estadual de meio ambiente. Digno de nota, e motivo para longa reflexão, é que depois de pintados – processo que foi público, no local, envolvendo toda a comunidade do bairro – nunca, nenhuma só vez em anos, qualquer um dos painéis ou um mero centímetro do muro foram pichados;
- Uma cuidadosa obra documental fotográfica, constituindo uma série de cinco volumes (em edição bilíngue, português-inglês);
- Documentários, cooperação entre o CRA – Centro de Recursos Ambientais e o IRDEB – Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia<sup>54</sup> - TV Educativa estadual, formando outra série – Terra Mater – com cinco vídeos, agrupando as APAs por seu sistemas.

Outras iniciativas de cunho artístico-estético foram desenvolvidas: a atenção dispensada a uma manifestação artística consolidada no nordeste brasileiro, que é a poesia de cordel, linha em que foram produzidos textos de conteúdo ambiental e um concurso de versos que alertassem as pessoas contra os riscos das queimadas; uma peça de teatro educativa, produzida e representada pelos próprios colaboradores da instituição e levada a diferentes municípios; além de apoio a artistas plásticos locais para produção de suas obras, todas com forte apelo estético ambiental.

Convém anotar que o cinema tem procurado, ainda que episodicamente, dar sua contribuição para a construção de uma estética que associe a paisagem natural e seus seres ao questionamento das modificações e tragédias introduzidas em tal cenário pela ação humana.

Assim é que duas fitas de temática equivalente podem ser lembradas – e vistas: *Gorillas in the Mist: The Story of Dian Fossey* (A montanha dos gorilas), produção norte-americana de 1988, do diretor Michael Apted, com Sigourney Weaver (no papel da primatologista Dian Fossey), Bryan Brown, Julie Harris e outros, baseado no livro da Dra. Dian Fossey, *Gorilas in the Mist*; e *Instinct*<sup>55</sup> (Instinto), produção norte-americana de 1999, dirigida por Jon Turteltaub, tendo no elenco Anthony Hopkins (que interpreta o antropólogo Ethan Powell), Jon Turteltaub, Cuba Gooding e Maura Tierney, baseado no best-seller *Ishmael*, de Daniel Quinn.

### **Ética e Prática Ambiental**

O Ano Internacional do Planeta Terra (AIPT) (<http://www.unb.br/ig/sigep/destaques/AIPT.pdf>), comemorado a partir de janeiro de 2007, com término em dezembro de 2009, mas ênfase no ano de 2008, teve sua proclamação declarada na Assembléia Geral das Organizações das Nações Unidas – ONU em dezembro de 2005. Proposta apoiada por 191 países, o AIPT tem como objetivos:

- Demonstrar o grande potencial das Ciências da Terra na construção de uma sociedade mais segura, saudável, solidária e sustentada;
- Encorajar a sociedade a doravante aplicar este potencial mais eficientemente, em seu próprio benefício.

A liderança mundial das atividades está sob a responsabilidade maior da União Internacional das Ciências Geológicas (IUGS - International Union of Geological Science) e da Divisão de Ciências da Terra da UNESCO, além de 12 importantes Organizações Parceiras Fundadoras e 26 Parceiros Associados. O Brasil criou um Comitê Nacional para cuidar do assunto (<http://agenciact.mct.gov.br/index.php/content/view/42407.html>).

Quem se lembra disso? Provavelmente poucos, mesmo dentre aqueles que militam no ofício...

Eis exatamente onde cabe uma profunda indagação a respeito de ética. Sabem todos que, em sua origem, a noção de ética diz respeito ao distanciamento ou proximidade que há entre o que se propugna e se diz e o que se pratica e se faz. Assim sendo, não há ética onde existe uma grande distância entre esses dois termos binomiais. Traduzindo em miúdos, não

basta pensar, há que se executar. Não basta querer, há que se acreditar e agir. Caso contrário, todas as vontades e querereres e supostos valores nunca passarão de retórica, ou, pior ainda, como infelizmente se tem visto, de pirotecnia. Como desde há muito também se sabe que a verdade e o que é certo acabaram se aproximando e se confundindo com o que é bom, então sendo certo haver íntima proximidade entre o que é pensado e dito e o que é feito, o ético passa a ser bom. E o que é bom, é de se supor, acontece para o bem.

Dessa forma a ética ambiental está em pensar e fazer o correto para a natureza.

Assim, vamos a uma breve palavra a respeito de ética ambiental. Evidentemente que propugnamos pelos mesmos ditames alinhados na ética ambiental profunda de Arne Næss e seguidores, mas queremos neste ponto insistir com o pensamento de outro filósofo, que foi um importante teórico da ética e da ecologia, Hans Jonas<sup>56</sup>, e que formulou um novo e elevado princípio de moralidade:

“Aja de tal modo que os efeitos de sua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana genuína.”

**Pois bem, disse Hans Jonas:**

“Os fins do homem moram na natureza.”

Outro importante filósofo da atualidade, o francês Luc Ferry<sup>57</sup>, entende da seguinte maneira esse pensamento de Jonas:

“(...) os objetivos que os seres humanos deveriam assumir no plano ético se inscrevem, como pensavam os estóicos, na ordem mesma do mundo, de modo que o ‘dever-ser’ – ou seja o que moralmente é preciso fazer – não está separado do ser, da natureza tal como ela é<sup>58</sup>.”

Tudo o que eu devo fazer não se separa da natureza e se a natureza está em mim; se eu sou parte da natureza, o que faço contra ela faço contra mim; o que faço para ela, faço para mim; o que de bom faço para mim, faço para ela também. Ocorre que como o homem sempre se refere a si próprio como algo no tempo e no espaço e, em escala, ele sempre se percebe pequeno diante da eternidade do tempo e da imensidão do universo - até mesmo do planeta Terra -, e as repercussões negativas de suas ações de destruição surgindo distantes ou no espaço ou no tempo, isto como que o anestesia, serve como cortina enganosa, fumaça de escape, que não lhe permite ver com clareza o dolo de seus atos.

É preciso que se traga para a consciência presente todas as transformações negativas ocorridas em nosso hábitat em consequência de nossas ações. É preciso que passemos a avaliar melhor os impactos de nossas ações. É preciso que retiremos de nosso arsenal de

desejos tudo aquilo que é supérfluo e desnecessário ao ser. É preciso que tenhamos a coragem de inaugurar um novo modelo educacional, não voltado a atender a lógica produtivista-consumista do capitalismo. Aliás, leitoras e leitores, longe de estar querendo fazer um discurso de esquerda, muito pelo contrário, é preciso que lembremos que o capitalismo não é o único sistema de vida possível para nossa sociedade humana. É preciso que lembremos que nada mudará na ordem do cosmo se amanhã deixarmos, todos nós, de tomar um determinado refrigerante ou de usarmos aquele determinado tênis (ou melhor, talvez algo de bom aconteça sim, em “nosso lindo planeta azul”...).

A ética ambiental impõe que não queiramos utilizar inutilmente recursos do meio ambiente. Isto retroage a que re-examinemos aquilo que consumimos, no quê e no quanto. A ética ambiental impõe que conheçamos (cognição racional e emocional) mais a natureza. Sem querer evitar os reais benefícios das conquistas e dos avanços humanos, a ética ambiental reclama que sejamos mais cuidadosos e examinemos a fundo o que nos traz e o que não nos traz ganhos, aquilo que é só questão de fútil comodidade ou de modismo afirmante de psicologias individuais pouco seguras. Sobretudo, a ética ambiental não admite um faz-de-conta ético, como aquele da ecologia rasa e que, entre nós, tem-se tornado mais e mais rasa ainda. E mais: a ética ambiental não se contentaria apenas em preservar a vida do planeta e a vida humana, não, como muito bem disse Hans Jonas, devemos conservar, manter, preservar a vida sim, mas a vida humana genuína!

Em 9 de março de 2008, o Vaticano veio a público para adotar posição no que concerne à ética referente a vários pontos polêmicos da atualidade. A Igreja Católica entendeu que (conforme matéria de 10 de março de 2008 – *Vaticano divulga lista de novos pecados capitais*, em Globo.com <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL344282-5602,00.html10/03/2008>):

A manipulação genética, o uso de drogas, a desigualdade social e a poluição ambiental estão entre os novos pecados capitais pelos quais os cristãos devem pedir perdão, segundo a nova lista apresentada pela Santa Sé.

O Vaticano atualizou a lista de pecados capitais para adaptá-la à "realidade da globalização".

Os novos pecados capitais - merecedores de condenação segundo a Igreja Católica - serão agregados aos anteriores: gula, luxúria, avareza, ira, soberba, vaidade e preguiça.

Publicada no domingo no jornal do Vaticano, Osservatore Romano, a lista foi divulgada depois que o Papa Bento 16 denunciou a "queda do sentimento de pecado no mundo secularizado", em meio à redução no número de católicos que praticam a confissão.

O Monsenhor Gianfranco Girotti, responsável pelo tribunal da Cúria Romana (cuida das questões internas do Vaticano), disse ao Osservatore Romano que, diferentemente dos anteriores, os novos pecados vão além dos direitos individuais e têm dimensão social.

"Há várias áreas relacionadas aos direitos individuais e sociais dentro das quais incorrer em atitudes pecaminosas. Antes de mais nada, a área bioética, dentro da qual não podemos deixar de denunciar algumas violações de direitos fundamentais da natureza humana, através de experiências e manipulações genéticas, cujos êxitos são difíceis de prever e manter sob controle".

De acordo com o Monsenhor, a injustiça social e os crimes ambientais encontram-se também na listagem das novas ofensas pelas quais os fiéis devem pedir perdão e se penitenciar.

Independentemente do efetivo e presto resultado para a qualidade do meio ambiente mundial dessa decisão da Santa Sé, é inegável que, do ponto de vista ético e moral, tal fato representa um grande ganho e um avanço, na medida em que todos os cidadãos do planeta, seja qual for sua crença religiosa, são compelidos a refletir acerca das suas atitudes individuais que podem repercutir de forma muito negativa para o todo social, desde que em desacordo com as normas e orientações de uma educação ambiental consciente e cívica.

Uma educação ambiental desde o mais tenro berço e continuamente, eis do que necessitamos. Uma educação ambiental que desenvolva, fixe e incorpore valores de forma inelutável. Educação que alinhe princípios à estética, vontade ao poder, sabedoria à prática, senso crítico e racionalidade à paz. É preciso que saibamos, todos, que viver é uma questão muito mais de simples e pura sabedoria do que de consumo, de ostentação, enfim, de ciência. A própria ciência e seu método, seja qual for, devem estar sujeitos, no sentido de subordinados, à sabedoria. A propósito, o grande filósofo inglês Bertrand Russell muito competentemente faz a distinção entre sabedoria (*wisdom*, em sua língua) e conhecimento (*knowledge*). Consoante, nos diz Alberto Oliva:

À sabedoria incumbe determinar o uso que se vai dar ao conhecimento. Por exemplo, este produz a bomba atômica, aquela define que (des)uso será feito dela. Além do mais, caso se arvorasse a estatuir como se deve viver, a ciência assumiria uma função normativa que a aproximaria da filosofia e da religião e a afastaria de seus propósitos.<sup>59</sup>

Enfim, praticar um comportamento ético e moral, a ética sob todos os seus aspectos, e por conta das especificidades dos dias atuais, mormente a ética ambiental, pode ser, e cremos mesmo que seja, o único e último recurso hoje disponível à humanidade para que possamos nos afastar da dura realidade ficcional traçada pela notável escritora norte-americana Patrícia Cornwell. Em seus livros<sup>60</sup>, Cornwell dá vida à doutora Kay Scarpetta, chefe de um

departamento de Medicina Legal que, por conta de seu trabalho, expõe-nos todas as mazelas de uma sociedade materialista na qual vivemos e exhibe os resultados indesejáveis de uma modernidade que nas mãos humanas embruteceu o indivíduo. Que dos livros de Patrícia Cornwell possamos ficar tão somente com o gosto de sua beleza literária...

A prática ambiental que todos e cada um de nós deve adotar (*dever*, segundo todos os dicionários de Língua Portuguesa, tem em primeiro sentido o de *ter obrigação de*) é a de agir, conduzir-se e fazer com que ajam e se conduzam segundo a ética ambiental.

Nesse sentido, existem algumas (boas) iniciativas de educação e conclamação, embora sejam ainda muito pífios todos os resultados obtidos. Várias entidades divulgam recomendações daquilo que hoje se considera uma atitude ecologicamente saudável e correta. Por exemplo, o Greenpeace, instituição conhecida por sua força combativa e por sua contundência às vezes tão criticada, lançou em 2006 um calendário repleto de orientações de atitudes e comportamentos favoráveis à causa ambiental<sup>61</sup>. Contudo, um exame crítico dessas sugestões revela que quase todas elas se prendem, também, a um modo raso de ver o cuidado ambiental, ou seja, são, na maioria, consertos para o que já se estragou ou se está estragando...

A prática ambiental, decorrente da ética ambiental pela qual temos propugnado, incorpora o culto à estética ambiental, à beleza do fenômeno da vida, que existe por si e em si, desde muito antes da ocorrência do humano, embora só por ele possa ser percebida e exaltada. O humano tem absoluta necessidade do belo, sem o qual as percepções se entorpecem e brutalizam. Brutalizar o humano e suas atitudes advém justamente do não conhecimento do que é belo, belo por ser bom e moral. O belo é bom. O bom é belo. Belo e bom são as bases do moral e do ético. A beleza, se expurgada de nossas ações e observações, se impedida em nossa prática, leva-nos a uma forma simultânea de intoxicação aguda e crônica: o quadro agudo denotado pela violência e o desrespeito ao outro, ao coletivo e ao ambiente natural; o quadro crônico caracterizado pela depressão e o alheamento de si. Quem não percebe o belo em tudo que há, que estava antes dele e dele nem precisou para ser, não está pronto para viver: está, isso sim, pronto para consumir, tal ato significando a busca compulsiva e extenuante, ainda que inconsciente, por um pouco ou algum aspecto de/do ser. A beleza da natureza é simples e não demanda explicações. Intuir e sentir tal beleza é um ato maior da intelectualidade que carregamos como potencial. Não é um ato religioso, embora o sentimento de uma religiosidade ao natural possa ser, ele próprio, natural... e útil. Só os seres que despertam sua sensibilidade, como instrumento de conexão com a vida e os fluxos de vida, os que treinam seus olhares, os que elevam seu discurso desmaterializando-o, estão próximos ou prontos para a compreensão dessa estética ambiental, verdadeiro propósito lúdico de bem-

estar para esse breve experimento que a Natureza nos proporciona/proporcionou como seus escolhidos e eleitos. Se é verdade que é preciso educar, acrescentamos que é preciso educar pela arte e pela estética ambiental, patrimônio maior – e grátis – aqui deixado para nosso conforto e deleite!

## Notas e Referências

---

<sup>1</sup> AZEVEDO, F. A., VALENÇA, M. Z. Do anarquismo ao ambientalismo: de Thoreau a Næss. **TECBAHIA R. Baiana Tecnol.**, v. 21, n. 2-3, p. 28 a 58, 2006.

<sup>2</sup> Segundo Nicholas Fearn, no prefácio de sua obra *Filosofia: novas respostas para antigas questões* (Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005. p. 9), o Centro de Documentação Filosófica registra o trabalho de mais de 26 mil profissionais do pensar no mundo todo, que estão a construir uma “realização compartilhada”, esperando “fazer nossa compreensão aumentar por acréscimos mínimos”.

<sup>3</sup> ROHDE, Geraldo Mário. *Epistemologia ambiental: uma abordagem filosófica-científica sobre a efetuação humana alopoiética*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996.

<sup>4</sup> César Marco Aurélio Antonino Augusto (*Caesar Marcus Aurelius Antoninus Augustus*), ou Marco Aurélio, nasceu em Roma, a 26 de abril de 121, e morreu em 17 de março de 180. Foi imperador romano desde 161 até sua morte. Pertencente a gentes espanholas de Roma, já em criança chamou a atenção do imperador Adriano, que se lhe admirou a franqueza ingênua e a inteligência, tendo determinado a Antonino Pio que o adotasse (138), o que acabou por lhe destinar o império. Estudou retórica grega e latina com Herodes Ático e Marco Cornelio Frontón, o qual se tornaria seu amigo e conselheiro espiritual. Seduzido pelo estoicismo, assumiu muito rapidamente o manto de filósofo (133), de César (139) e de cônsul em 140 e 145. Nesse último ano casou com a prima Faustina a Jovem, filha de Antonino Pio. Este o havia designado, em 25 de fevereiro de 138 (pouco depois de ter sucedido a Adriano), como herdeiro. Marco Aurélio tinha então apenas dezessete anos de idade. Os vinte e três anos do reinado de Antonino Pio estão entre os mais prósperos do Império, mas quando, após sua morte em 161, Marco Aurélio é nomeado imperador, abre-se um período muito agitado para o Império, que é sacudido por ataques dos bárbaros, revoltas populares e epidemias. À série ininterrupta de guerras e calamidades que precisou suportar, o imperador e filósofo opôs serenidade e força moral.

<sup>5</sup> Crisipo de Solis foi um filósofo de expressão grega, nascido em Solis (interior da Síria), c. 281-280 a.C., e falecido em Atenas, c. 208 a.C. Discípulo de Cleanto de Assos, tornou-se um dos maiores expoentes do estoicismo. Com a morte de Cleanto, assumiu a direção da *Stoa*, em 232 a.C., e sua atividade logo o fez alcançar uma reputação comparável com a de Zenão de Cítio, fundador do estoicismo. Administrativamente capaz e dotado de espírito crítico, não demorou em estabelecer escola própria, absorvendo em torno de si o pensamento estóico, no que também muito ajudou sua grande produção de textos. Alguns afirmam que escreveu mais de setecentos e cinco livros, restando, todavia, só alguns fragmentos. Suas obras foram reordenadas em J. von Arnim, *Stoichorum Veterum fragmenta*, t.II (*Chrysipapi fragmenta lógica et physica*, Leipzig 1903-1924). Vão a quatro páginas os títulos dos textos redigidos por Crisipo e arrolados por Diógenes Laércio (VII, 189-202). Por eles se sabe dos temas que mais o ocuparam. São em número considerável os ensaios sobre a lógica, o que condiz com sua fama de dialético. Crisipo teve fama de sutil e apurado dialético e foi o responsável pela sistematização e divulgação das doutrinas da escola estóica. Seu sistema era uma espécie de panteísmo naturalizado: a liberdade desaparece em um mundo onde predomina a lei da fatalidade. Sua moral é pura e elevada e a razão deve governar a vida, colocando o sábio acima das paixões. A felicidade reside na independência do sábio. Deu curso à lógica, bem como à subdivisão da lógica em retórica e dialética. Defendeu a Providência, tema peculiar ao estoicismo, no contexto da divindade como “*Logos* do mundo”. Distinguindo entre causas principais e causas auxiliares, buscou conciliar a liberdade individual com o determinismo universal, defendido pelo estoicismo. Do íntimo do sujeito individual deve brotar a sintonia com o *Logos* universal, sendo este acordo uma responsabilidade pessoal.

<sup>6</sup> Lucius Annaeus Seneca (Córdova, na época pertencente ao Império Romano, por volta de 4 a.C. - Roma, 65 d.C.), conhecido como Sêneca, o moço, ou Sêneca, o jovem, foi enviado, ainda criança, a Roma para estudar oratória e filosofia. Por volta do ano 31, iniciou carreira como orador e advogado e logo chegou ao Senado. Em

41, por uma ligação com Julia Livila, sobrinha do imperador Cláudio, foi por este desterrado. No exílio, estudou e escreveu vários tratados filosóficos, como os *Consolationes* (Consolos), em que expõe os ideais estoicos clássicos de renúncia aos bens materiais e busca da tranqüilidade da alma pelo conhecimento e a contemplação. Em 49, Agripina, sobrinha do imperador e uma das mulheres com quem este se casou, faz com que Sêneca retorne a Roma. Agripina tornou-o preceptor do filho, o jovem Nero, e elevou-o a pretor em 50. Depois da morte de Cláudio, em 54, o filósofo vingou-se com um escrito considerado obra-prima das sátiras romanas, *Apocolocyntosis divi Claudii* (Transformação em abóbora do divino Claudius). Com Nero imperador, Sêneca faz-se seu principal conselheiro e tenta orientá-lo para uma política justa e humanitária, o que não durou muito. Seneca retirou-se da vida pública em 62. Entre seus últimos textos estão a compilação científica *Naturales quaestiones* (Problemas naturais), os tratados *De tranquillitate animi* (Sobre a tranqüilidade da alma), *De vita beata* (Sobre a vida beata) e, talvez sua obra mais profunda, as *Epistolae morales*, em que engloba conselhos estoicos e elementos epicuristas falando por uma fraternidade universal depois considerada próxima ao cristianismo. Em 65 d.C., acusado de participar na conspiração de Pisão para a morte de Nero, foi obrigado a cometer o suicídio, cortando os pulsos diante dos amigos e falecendo com o ânimo sereno que defendia em sua filosofia. Tácito relatou sua morte. Sêneca ocupava-se da forma correta de viver a vida, ou seja, da ética. Via o sereno estoicismo como a maior virtude e o cumprimento do dever como um serviço à humanidade.

<sup>7</sup> Francis Bacon, barão Verulam (1618) e primeiro visconde de Saint. Albans (1621), nasceu em Londres, em 22 de janeiro de 1561, e na mesma cidade faleceu, de bronquite, aos 9 de abril de 1626. Foi político (eleito em 1584 para a câmara dos comuns), filósofo e ensaísta. No reinado de Jaime I foi procurador-geral (1607), fiscal-geral (1613), guarda do selo (1617) e grande chanceler (1618). Em 1621, acusado de corrupção, foi punido com pesada multa e proibido de exercer cargos públicos. Francis Bacon foi influente rosacruz e também alquimista, tendo ocupado o posto de *Imperator*, o mais elevado da Ordem Rosacruz. Estudiosos o indicam como o real autor dos famosos manifestos rosacruzes, *Fama Fraternitatis* (1614), *Confessio Fraternitatis* (1615) e *Núpcias Alquímicas de Christian Rozenkreuz* (1616). Como filósofo, suas obras mais importantes são *Instauratio magna* (Grande restauração) e *Novum organum* (Novo Método). Nesta, sua obra magna, Bacon descreve seu método para as ciências, o qual deverá substituir o *Organon* aristotélico. Em suas investigações, ocupou-se com a metodologia científica e com o empirismo. Em sua filosofia, a ciência é exaltada como benéfica para o homem e ele é, com frequência, lembrado como fundador da ciência moderna. O pensamento filosófico de Bacon busca realizar o que ele chamou de *Instauratio magna*. A efetivação desse plano previa uma série de tratados que, saindo do estado em que se encontrava a ciência da época, acabaria por apresentar um novo método, que superaria e substituiria o de Aristóteles. Esses tratados deveriam apresentar um modo específico de investigação dos fatos, passando, a seguir, para a investigação das leis e voltando ao mundo dos fatos para nele promover as ações que se revelassem possíveis. A reforma do conhecimento é justificada em uma crítica à filosofia anterior, especialmente a Escolástica, considerada estéril por não ter nenhum resultado prático para a vida do homem. O conhecimento científico, para Bacon, tem por finalidade servir o homem e dar-lhe poder sobre a natureza. A ciência deve restabelecer o *imperium hominis* (império do homem) sobre as coisas. A filosofia verdadeira não é apenas a ciência das coisas divinas e humanas: é também algo prático. *Saber é poder*. O conhecimento, o saber, é apenas um meio vigoroso e seguro de conquistar poder sobre a natureza. Segundo Bacon, a mentalidade científica só seria atingida pelo expurgo de uma série de preconceitos que ele chamou de ídolos. Bacon propõe uma classificação para as ciências e no *Novum Organum* preocupa-se inicialmente com a análise de falsas noções – ídolos – que se revelam responsáveis pelos erros cometidos pela ciência. Este é um dos aspectos de interesse permanente na filosofia de Bacon. Esses ídolos foram classificados em quatro grupos: da tribo, da caverna, da vida pública, da autoridade. A força notável e revolucionária de Bacon está na concepção de seu método, que tem por objetivo constituir uma nova maneira de estudar os fenômenos naturais. Para Bacon, a descoberta de fatos verdadeiros não depende do raciocínio silogístico aristotélico, mas sim da observação e da experimentação regulada pelo raciocínio indutivo (nascia aí o método científico moderno). O conhecimento verdadeiro é resultado da concordância e da variação dos fenômenos que, se devidamente observados, apresentam a causa real dos acontecimentos. Para isso, no entanto, devem-se descrever de modo pormenorizado os fatos observados e, em seguida, confrontá-los com três tábuas que disciplinarão o método indutivo: a *tábua da presença* (responsável pelo registro de presenças das formas que se investigam), a *tábua de ausência* (responsável pelo controle de situações nas quais as formas pesquisadas se revelam ausentes) e a *tábua da comparação* (responsável pelo registro das variações que as referidas formas manifestam). Com isso, seria possível eliminar causas que não se relacionam com o efeito ou com o fenômeno analisado e, pelo registro da presença e variações seria possível chegar à verdadeira causa de um fenômeno. Estas tábuas dão suporte ao método indutivo e diferenciam a experiência vaga (noções recolhidas ao acaso) da experiência escriturada (observação metódica e passível de verificações empíricas). As falhas de seu método são, pelo menos, duas: a) Bacon não dá muito valor à hipótese, pois, conforme seu método, a simples disposição ordenada dos dados nas três tábuas levaria à hipótese correta, o que, todavia, raramente ocorre. b) O filósofo não imaginou a importância

da dedução matemática para o avanço das ciências. Bacon não realizou nenhum grande progresso nas ciências naturais, mas foi o primeiro a delinear uma metodologia racional para a atividade científica. Sua teoria dos *idola* antecipa, pelo menos potencialmente, a moderna sociologia do conhecimento. Foi um pioneiro no campo científico e um marco entre o homem da Idade Média e o homem Moderno. Influenciou importantes filósofos que se seguiram, como Diderot, Hobbes e Hume.

<sup>8</sup> O método científico, sólido alicerce e baluarte de todo desenvolvimento tecnológico e capitalista de nossa atual sociedade, foi e tem sido alvo sempre de muitas críticas e questionamentos. É de citação obrigatória a vida e a obra, pelo menos, de Paul Karl Feyerabend – “todas as idéias valem”. Ele nasceu em Viena, a 13 de janeiro de 1924, e faleceu em Genolier, em sua casa, de tumor cerebral, no dia 11 de fevereiro de 1994. Considerado o proponente de um anarquismo científico, por rejeitar a existência de regras metodológicas universais, e bastante debatido por conta disso, é inegável que marcou a história da Filosofia da Ciência no século XX e até hoje. Viveu em vários países: Reino Unido, Estados Unidos, Nova Zelândia, Itália e Suíça., nos quais exerceu diversas funções em diferentes e importantes instituições. Seus principais trabalhos são *Against Method* (publicado em 1975), *Science in a Free Society* (1978) e *Farewell to Reason* (coleção de artigos, 1987). Na Segunda guerra, Feyerabend serviu às forças alemãs e foi ferido em combate. Terminada a guerra, ela passou por diversas instituições e atividades até que, em 1948, foi ao seminário internacional de verão da Austrian College Society, em Alpbach, onde conheceu Karl Popper, que exerceria influência destacada em seus trabalhos posteriores, primeiro de forma positiva, mas o oposto depois. Em 1951, Feyerabend conseguiu uma bolsa para estudar sob a orientação do grande Wittgenstein, o qual, no entanto, faleceu antes disso se dar. Feyerabend, então, escolheu Popper como seu orientador e passou a estudar na *London School of Economics*, em 1952. Em sua autobiografia, explica como Popper o influenciou nesse período. Depois, Feyerabend trabalhou na Universidade de Bristol, Inglaterra, em Berkeley, em Auckland, em Sussex, em Yale, em Londres e Berlim. Durante este tempo desenvolveu uma visão crítica da ciência, a qual mais tarde descreveria como “anarquista” ou “dadaísta” para ilustrar sua rejeição ao uso dogmático das regras. Transfere-se, em 1958, para Berkeley, Califórnia, tornando-se cidadão norte-americano. Após sua aposentadoria em 1991, Feyerabend continuou a publicar artigos e passou a trabalhar em sua autobiografia. Sua obra *Against method* tornou-se afamada crítica às visões filosóficas da ciência e provocou e provoca inúmeras reações. A paixão e energia de seus escritos, inigualados por outros filósofos da ciência, custaram-lhe caro, como em sua autobiografia ele revela:

“A depressão esteve comigo durante um ano; como um animal, distintamente, uma coisa que se podia encontrar no espaço. Eu poderia levantar, abrir meus olhos, escutar -- Ela está aqui ou não? Nem sinal. Talvez esteja dormindo. Talvez ela me deixe em paz hoje. Cuidadosamente, muito cuidadosamente, eu saio da cama. Tudo está em silêncio. Eu vou até a cozinha, começo a preparar o café. Nenhum barulho. TV -*Bom dia América*-, David Qual-é-seu-nome. Eu como e vejo os convidados. Lentamente a comida preenche meu estômago e me dá força. Agora uma rápida ida ao banheiro e saio para minha caminhada matinal - e lá está ela, minha fiel companheira, a depressão: ‘Achou que poderia sair sem mim?’”

Em *Against method* e em *Science in a free society* Feyerabend afirma que não há regras metodológicas que devam sempre ser usadas pelos cientistas e que a fundamentação prescritiva do método científico limita as atividades dos cientistas, dificultando, dessa maneira, o progresso científico. Portanto, a ciência se beneficiaria mais com uma “dose” do que chamou de anarquismo teórico. Ele sugere que o anarquismo teórico é desejável também por ser mais humanitário do que outros sistemas de organização, pois não impõe regras rígidas aos cientistas.

“Será que a ciência como a conhecemos hoje, uma ‘busca pela verdade’ no estilo da filosofia tradicional, criará um monstro? Não será possível que uma abordagem objetiva que desaprova contatos pessoais entre entidades irá prejudicar as pessoas, torná-las miseráveis, hostis, criando mecanismos moralistas desprovidos de charme e humor? ‘Não será possível’ pergunta-se Kierkegaard ‘que minha atividade como um objetivo [ou crítico-racional] observador da natureza enfraqueça meu potencial como ser humano?’ Eu suspeito de que a resposta para muitas dessas questões seja afirmativa e eu acredito que a reforma das ciências para torná-las mais anárquicas e mais subjetivas (em um sentido Kierkegaardiano) é urgentemente necessária.” (*Against method*, p. 154).

A posição de Feyerabend é geralmente vista como radical pela ortodoxia na filosofia da ciência por implicar que a filosofia não consegue prover uma descrição geral da ciência, nem viabilizar um método de diferenciação entre produtos da ciência e entidades não científicas como os mitos. Isso também acarreta que as recomendações filosóficas podem ser ignoradas pelos cientistas, se o seu objetivo é o progresso. Para atestar que regras metodológicas geralmente não contribuem para o sucesso científico, Feyerabend mostra contra-exemplos de que a (boa) ciência opera de acordo com um certo método fixo. Ele examina alguns episódios da ciência que são geralmente relacionados como instâncias inegáveis de progresso (a revolução Copernicana...), e mostra como todas as regras prescritivas comuns da ciência são violadas nestas circunstâncias. Além disso, afirma que a aplicação destas regras atualmente afetaria a revolução científica. Foi defensor de uma metodologia pluralística

envolvendo comparações entre diversas teorias com todas as forças de seus argumentadores, permitindo a articulação de cada teoria. Dessa maneira, o pluralismo científico aumenta o poder de crítica da própria ciência. Assim, Feyerabend propõe que a ciência deve proceder melhor não pela indução, mas pela *contra-indução*. De acordo com o filósofo, novas teorias devem ser aceitas não por concordarem com o método científico, mas porque seus proponentes podem fazer uso de qualquer artifício – racional, retóricos ou vulgares – no sentido de desenvolver sua causa. Sem uma ideologia fixa ou introdução de tendências religiosas, a única abordagem que não inibe o progresso (utilizando qualquer definição, uma se adapta) é “todas as idéias valem”: o que não é um 'princípio'... mas uma exclamação estarecida de um racionalista que observa a história de perto”. (Feyerabend, *Against Method*, 1975)

<sup>9</sup> A esse respeito, convém indicar ao leitor os ‘sites’ <http://www.filosofia-ambientale.it>, apresentado como a primeira página na Itália dedicada à *scienza, ecologia, etica, política e teologia* do ambiente (cores tais quais aparecem na página) e o da revista *Philosophy Now* – a magazine of ideas, <http://www.philosophynow.org/> Interessante notar a dimensão que a preocupação ambiental alcançou. Importa, agora, que se dê eficácia, eficiência e efetividade a tal preocupação, sendo que, para tanto, é imprescindível uma filosofia ambiental densa, bem concatenada, convincente e de fácil apreensão pela média intelectual dos seres humanos.

<sup>10</sup> Oscar Fernández: *Paradigma ecológico o ecopensamiento*. <http://osfer.blogspot.com/osfernandezve@hotmail.com>.

<sup>11</sup> O filósofo grego Leucipo nasceu cerca de 500 a.C. Foi mestre de Demócrito de Abdera e, talvez, segundo Aristóteles, o verdadeiro criador do atomismo. De sua vida pouco se sabe, nem mesmo o local em que nasceu (Abdera ou Eléia). Parece que era mais novo que Parmênides de Eléia e contemporâneo de Anaxágoras e de Sócrates. É-lhe creditada a autoria de um único livro: *A grande ordem do mundo*. Talvez tenha escrito um segundo livro, *Sobre o espírito*, que pode ter sido um capítulo da obra anterior. Demócrito nasceu em Abdera, Grécia, cerca de 460 a.C. e morreu em 370 a.C. Cronologicamente não é correto considerá-lo um pré-socrático, porque foi contemporâneo de Sócrates. Contudo, do ponto de vista doutrinário faz sentido, pois seu pensamento é fortemente influenciado pela problemática da *physis*. A fama de Demócrito vem de ter sido o maior expoente da teoria atômica ou do atomismo mecanicista, pela qual tudo o que existe é composto por elementos indivisíveis chamados átomos (em grego "a" = negação e "tomo" = divisível, portanto o átomo é indivisível, o que, como sabemos hoje, não mais corresponde ao fato científico). Não há certeza se a teoria foi concebida por ele ou pelo mestre Leucipo, e o vínculo estreito entre eles dificulta a identificação do que foi pensado por um ou por outro. Porém, foi Demócrito quem sistematizou o pensamento e a teoria atomista. Ele desenvolveu, ainda, o conceito de um universo infinito, com muitos outros mundos como o nosso, ou, existe um número infinito de mundos, sendo que pelo menos um deles, e talvez mais do que um, é cópia do nosso, com pessoas como nós. Este conceito foi aceito por outros filósofos, dentre eles Friedrich Nietzsche. Demócrito foi um escritor produtivo, atribuindo-se-lhe autoria de cerca de noventa obras, dentre as quais: *Pequena ordem do mundo; Da forma; Do entendimento; Do bom ânimo; Preceitos*.

<sup>12</sup> LENOBLE, Robert. *História da idéia de natureza*. Lisboa: Edições 70, 1990. p. 84.

<sup>13</sup> GONÇALVES, Márcia Cristina Ferreira. *Filosofia da Natureza*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 21. [Coleção Filosofia Passo-a-Passo, 67.]

<sup>14</sup> Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling nasceu em Leonberg, Alemanha, a 27 de janeiro de 1775, e morreu em Bad Ragaz, no dia 20 de agosto de 1854. Foi um dos notáveis representantes do Idealismo alemão, juntamente com Fichte e Hegel. Aos 15 anos entrou para o Seminário Teológico de Tübingen, iniciando uma amizade com o poeta Friedrich Hölderlin e com o filósofo Hegel. Em 1792, conclui a graduação em filosofia e, em 1795, termina a tese para obtenção do doutorado em teologia. Entre 1796-1798 estuda matemática e ciências naturais em Leipzig. Nesse período começou o estudo de Kant e de Fichte, dos quais recebe uma grande influência. Em 1798, apoiado por Goethe, foi nomeado professor em Jena. Nesta cidade mantém relações com Schlegel, Tieck e Novalis, que pertenciam ao movimento romântico De 1803 a 1806 é professor em Würzburg. Em 1806 assume o cargo de Secretário de Belas Artes em Munique. Em 1841 é nomeado professor em Berlim, para suceder Hegel, e passa a liderar o movimento contra este filósofo. Os autores que estudam a obra de Schelling costumam batizar o período 1797-1799 como o da filosofia da natureza, representado por: "Idéias para uma filosofia da natureza" (1797); "Sobre a alma do mundo" (1798) e "Primeiro esboço do sistema da filosofia da natureza" (1799).

<sup>15</sup> *Idéias para uma filosofia da natureza*, de Schelling, 1797. Para mais a respeito de Schelling e de sua fundamental filosofia da natureza conhecer: SCHELLING, F.W.J. *Obras escolhidas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. [Coleção Os Pensadores] e PUENTE, Fernando Ry, VIEIRA, Leonardo Alves (org.). *As filosofias de Schelling*. Belo Horizonte:UFMG, 2005.

<sup>16</sup> Pierre-Félix Guattari nasceu em 30 de abril de 1930 (Oise, França) e faleceu a 29 de agosto de 1992. É tido como um dos grandes expoentes da filosofia contemporânea francesa. Intelectual e militante revolucionário, é autor de vasta e complexa obra. Durante muitos anos colaborou com Gilles Deleuze, escrevendo, entre outros, os livros *Anti-Édipo*, *Capitalismo e Esquizofrenia* e *O que é Filosofia?* Dono de estilo literário incomparável, Guattari é, de longe, um dos maiores inventores conceituais do final do século XX: esquizoanálise, transversalidade, caosmose, ecosofia, são, entre outros, conceitos criados e desenvolvidos por ele. Na esteira de Reich, Guattari rompeu com os dogmatismos marxistas e psicanalíticos, e criou uma obra original na qual o problema do desejo singular é inseparável do político, da indústria, da informática, das instituições. Inconsciente institucional, para além, aquém, junto com o inconsciente individual. Coloca o problema da subjetividade – em um sentido bastante diferente da tradição filosófica – no centro das questões políticas e sociais contemporâneas. Obras em português: GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 10a. ed. Campinas: Papyrus, 2000. (1. ed., 1990); GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7. ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

<sup>17</sup> GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 17ª. ed. Campinas, Papyrus Editora, 2006. 56 p. [1ª. ed. 1990] [*Les Trois écologies* (1989)].

<sup>18</sup> BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind: collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology*. University of Chicago Press, 1972.

<sup>19</sup> Sigmund Kvaloy, ecofilósofo, agricultor e militante ambientalista norueguês, importante figura do movimento internacional da ecologia profunda. Kvaloy tem várias décadas de investigação filosófica e cultural, sendo muito ligado a uma agricultura ecológica. Atuou no desenvolvimento de programas acadêmicos inovadores em ecofilosofia em várias universidades. Tem praticado um ativismo e apoio direto a organizações ambientalistas, e se envolvido com a desobediência civil em defesa dos rios. Fez inúmeras palestras desde 1985. Em 1999 foi eleito membro da Academia Norueguesa. Fundou e é diretor do Instituto Setreng de Ecofilosofia. Sigmund Kvaloy afirmou que as pragas e enfermidades, antes limitadas a uma determinada região, cruzam hoje o mundo todo como resultado do aumento do comércio internacional. "Estamos transpassando os limites da natureza, que imperaram por milhões de anos." "Levamos um organismo de um (eco)sistema a outro, criando um sistema caótico em todo o mundo. Não sabemos o que estamos fazendo, muito menos as transnacionais",

<sup>20</sup> Hjalmar Hegge, filósofo norueguês, nascido em 1910, é professor emérito de filosofia na Universidade de Oslo, Noruega. Ele é autor de diversos estudos importantes em epistemologia e filosofia da ciência, incluindo um ensaio seminal a respeito do método científico de Goethe (Theory of Science in the Light of Goethe's Science of Nature, in F. Amrine, F. J. Zucker, and H. Wheeler, eds., *Goethe and the Sciences: A Reappraisal*. Dordrecht: C. Reidel; 1987; p. 195-218). É autor de vários artigos e livros como: *Mennesket Og Naturen: Naturforstaelsen Gjennom Tidene--Med Srlig Henblikk Pa Var Tids Miljkrise*. Norwegian: Universitetsforl, 1978. 166 p. *Essays Og Debatt: Om Filosofi Og Vitenskap, Natur Og Samfunn*. Norwegian: Vidarforlaget, 1993. 314 p. *Frihet, Individualitet Og Samfunn: En Moralfilosofisk, Erkjennelses-Teoretisk Og Sosialfilosofisk Studie I Menneskelig Eksistens*. Norwegian: Universitetsforlaget, 1988. 370 p.

<sup>21</sup> Peter Wessel Zapffe (1899-1990), foi um filósofo e montanhista nascido na cidade ártica de Tromsø, na Noruega. Dono de um estilo brilhante, escreveu sua tese de exame em direito, em 1923, sob o ritmo de versos. Advogado e juiz, enveredou por um pensamento existencialista oposto às visões mais otimistas de Heidegger, Sartre e Camus.

<sup>22</sup> Environmental Ethics - An Interdisciplinary Journal Dedicated to the Philosophical Aspects of Environmental Problems. <http://www.cep.unt.edu/enethics.html>

<sup>23</sup> O filósofo Arne Næss e sua filosofia foram abordados em artigo anterior. Para tanto, consultar AZEVEDO, F. A., VALENÇA, M. Z. Do anarquismo ao ambientalismo: de Thoreau a Næss. **TECBAHIA R. Baiana Technol.**, v. 21, n. 2-3, p. 28 a 58, 2006. Em 2005, foi lançado um conjunto da obra completa de Næss: *The Selected Works of Arne Næss*. Dordrecht: Springer, 2005 (10 volumes) (ISBN: 978-1-4020-3727-6. A coleção cobre uma grande variedade de trabalhos do filósofo, publicados e não publicados, desde manuscritos iniciais a artigos que

---

primeiro apareceram em seu jornal *Inquiry*. (Jim Cocola. *Ecosophy from T to X*. <http://www.nplusonemag.com/ecosophy.html>. Acesso em 6 de fevereiro de 2008). Consultar também: <http://www.springer.com/philosophy/book/978-1-4020-3727-6>. A respeito de Næss indicamos também o seguinte endereço na página da Universidade de Oslo: <http://www.sum.uio.no/staff/arnena/>, *Centre for Development and the Environment*, o qual traz diversas e atualizadas informações da vida e obra do filósofo.

<sup>24</sup> Uma revisão e introdução à Ecologia Profunda é apresentada na importante obra: DRENGSON, Alan, INOUE, Yuichi. Editors. *The Deep Ecology Movement: An Introductory Anthology*. Berkeley, North Atlantic Publishers, 1995. 293 p.

<sup>25</sup> BOOKCHIN, Murray; PURCHASE, Graham; MORRIS, Brian; AITCHTEY, Rodney, HART, Robert; WILBERT, Chris. *Deep ecology and anarchism*. Freedom Press, 1993.

<sup>26</sup> Nicolau de Cusa ou Nicolau Krebs ou Chrypffs (Cusa, Alemanha, 1401; Todi, Úmbria, Itália, 11 de agosto de 1464). De família modesta, foi educado junto dos *Irmãos da vida comum*, em Deventer, recebendo influências duradouras: o amor pelos livros e pelas línguas antigas, a idéia de um Cristianismo formativo da vida, e, principalmente, o misticismo alemão. Freqüenta a Universidade de Heidelberg e após um ano retira-se para Pádua, onde estuda direito canônico, ciências naturais, matemática, astronomia e filosofia. Em 1425, matricula-se em Teologia em Colônia, recebendo as doutrinas de Santo Alberto Magno, do platonismo e de Ramón Llull. Ordena-se sacerdote nessa cidade, em 1430. Em 1432 comparece ao concílio de Basileia, em que tem papel de destaque e se coloca do lado do partido do concílio para, em seguida, por não ser possível chegar a uma concórdia, reconciliar-se com as teses do Papa. Em 1448, é feito Cardeal, galardão dos serviços prestados aos direitos da Igreja; em 1450, Bispo de Bréscia e, juntamente, visitador e reformador dos conventos alemães. Teólogo, doutor em Direito canônico e filósofo humanista do Renascimento, é considerado o pai da filosofia alemã e, personagem chave na transição do pensamento medieval ao do Renascimento, um dos primeiro filósofos da Idade Moderna. As obras fundamentais são três: *De docta ignorantia*, *De conjecturis*, e *Apologia doctae ignorantiae*.

<sup>27</sup> Nicolau de Cusa. *De docta ignorantia* (1440). Livro 3 – do Homem.

<sup>28</sup> A filosofia de Schopenhauer influenciou marcadamente vários pensadores, entre os quais destacam-se: Nietzsche, Hartmann, Simmel, Bergson e Freud.

<sup>29</sup> Arthur Schopenhauer. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2001. 432 p. (Livro III, 39, p. 215, 216.)

<sup>30</sup> Næss, Arne. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge University, 1989.

<sup>31</sup> Ibidem.

<sup>32</sup> DRENGSON; INOUE, op. cit., p. 8.

<sup>33</sup> DRENGSON, Alan. *Ecophilosophy, Ecosophy and the Deep Ecology Movement: An Overview*. 1999. (Fonte: <http://www.ecospherics.net/pages/DrengEcophil.html>, Acesso em 19jan2008)

<sup>34</sup> TAMMILEHTO, Olli. *Tre Approcci all'Eco-filosofia*. <http://www.minerva.unito.it/Epistemologia&Etica/Ecofilosofia/EcoFilosofia1.htm> (publicado anteriormente em <http://www.filosofia-ambientale.it/>) (Traduzione di Piergiacomo Pagano e Francesca Pazzaglia). Acessado em 27 de fevereiro de 2008.

<sup>35</sup> A ecologia rasa também foi abordada pelos autores no artigo citado na Nota 5.

<sup>36</sup> COUTO, Hido Honório do. A Ecologia Profunda. *Revista Meio Ambiente*. 22/12/2006. <http://www.revistameioambiente.com.br/2006/12/22/a-ecologia-profunda>

<sup>37</sup> Hildo Honório do Couto (Unb) tem vários livros publicados. Para conhecer acessem [www.thesaurus.com.br](http://www.thesaurus.com.br)

<sup>38</sup> A respeito do agigantamento da prática capitalista e de suas características e consequências, é interessante a leitura do livro *Supercapitalismo – como o capitalismo tem transformado os negócios, a democracia e o cotidiano*, de Robert B. Reich, publicado no Brasil, Rio de Janeiro, em 2008, pela Elsevier – Campus.

<sup>39</sup> Edward ("Teddy") Goldsmith nasceu em Paris, em 1928, e é um ecofilósofo e ambientalista anglo-francês. Foi editor do *The Ecologist Magazine* nos períodos de 1969 (ano da fundação) a 1990 e em 1997-1998. Tornou-se particularmente conhecido por sua postura anti-industrial e simpatia por povos indígenas e outros povos tradicionais e seus sistemas. Ele defende a conservação e a agricultura orgânica. Foi um fundador da *The Ecology Party*, que originou a *Green Party*. Entre seus trabalhos: *The Great U-Turn: De-industrialising Society*, Green Books, 1988; *Gaia, the Thesis, the Mechanisms and the Implications* (co-editor), 1988; *Gaia and Evolution* (co-editor), 1990; *5000 Days to Save the Planet* (co-autor), 1990; *The Way: an Ecological World View*, 1992; *The Case against the Global Economy: and for a Turn Towards the Local* (co-editor com Jerry Mander), 1996.

<sup>40</sup> Henryk Skolimowski nasceu em Warszawa, Polônia, em 1920. Doutor em 1964 pela Universidade de Oxford, Inglaterra. Foi professor de universidades norte-americanas. Filósofo, estudioso de música e praticante de alpinismo, tem centenas de artigos publicados.

<sup>41</sup> Warwick Fox é um filósofo australiano e editor consultor, desde 1988, do *The Trumpeter: Journal of Ecosophy*. Ele escreveu *Toward a Transpersonal Ecology* e *A Theory of General Ethics: Human Relationships, Nature, and the Built Environment*.

<sup>42</sup> David Joseph Bohm, físico quântico norte-americano, nasceu em Wilkes-Barre (Pensilvânia), em 20 de dezembro de 1917, e faleceu a 27 de outubro de 1992. Trabalhou em física teórica com Oppenheimer. Depois da Segunda Guerra, Bohm se tornou professor na Universidade de Princeton, trabalhando com Albert Einstein. Em 1949, sob o macartismo, convocado para testemunhar contra Oppenheimer, recusou-se com base em seus direitos constitucionais. No ano seguinte foi acusado e preso e, embora absolvido em 1951, Princeton não renovou seu contrato. Bohm mudou-se então para o Brasil, e ocupou uma cátedra em Física na USP. Em 1955, foi para Israel, onde ficou dois anos. Em 1957, mudou-se para a Inglaterra e obteve uma bolsa de pesquisa na Universidade de Bristol. Em 1961 tornou-se professor de Física Teórica na Universidade de Londres, até se aposentar, em 1987. Suas contribuições para a física, principalmente na área da mecânica quântica e teoria da relatividade, foram significativas. Einstein considerou seu primeiro livro, *Teoria Quântica*, 1951, a exposição mais clara que ele já havia visto sobre o assunto. Bohm também fez contribuições teóricas significativas ao desenvolvimento do modelo holonômico de funcionamento do cérebro. Em colaboração com Karl Pribram, neurocientista de Stanford, fundamentou a teoria de que o cérebro funciona de forma similar a um holograma, segundo princípios matemáticos e padrões de ondas. Pribram acredita que se a psicologia quiser entender as condições que produzem o mundo das aparências, precisa se ater ao pensamento de físicos como Bohm. As visões científica e filosófica de Bohm são inseparáveis. Em 1959, lendo um livro do filósofo indiano Krishnamurti, notou o quanto suas idéias de mecânica quântica se fundiam com as dele. Em seu livro *Totalidade e Ordem Implícita*, de 1980, e em *Ciência, Ordem e Criatividade*, Bohm expressou sua abordagem da filosofia e da física. Dentre sua vasta obra pode-se citar: *Quantum Theory*. New York: Dover, 1989 (publicação original, 1951); *The Special Theory of Relativity*. New York: W.A. Benjamin, 1965; *Wholeness and the Implicate Order*. London: Routledge, 1980; *Limits of Thought: Discussions* (em co-autoria com Jiddu Krishnamurti). London: Routledge, 1999; *The Undivided Universe: an Ontological Interpretation of Quantum Theory* (em co-autoria com B.J. Hiley). London: Routledge, 1993.

<sup>43</sup> Fritjof Capra nasceu na Áustria, em 1939. Doutor em física teórica pela Universidade de Viena, 1966, e escritor, atua na promoção da educação ecológica. Vive com esposa e filha em Berkeley, Califórnia, onde dirige o Centro de Educação Ecológica. Tornou-se conhecido mundialmente com o livro *O Tao da Física*, traduzido para vários idiomas, em que faz um paralelo entre a física moderna (relatividade, física quântica, física das partículas) e as filosofias e pensamentos orientais tradicionais, como o Taoísmo de Lao Tsé, o Budismo (incluindo o Zen) e o Hinduísmo, e busca os pontos comuns entre as abordagens oriental e ocidental da realidade. *O Ponto de Mutação*, outra obra sua, fez-se referência para o pensamento sistêmico. Nele, Capra compara o pensamento cartesiano, reducionista, modelo do método científico desenvolvido nos últimos séculos, e o novo paradigma holista ou sistêmico emergente do século XX: o todo percebido como indissociável, de modo que o estudo das partes não permite conhecer o funcionamento do organismo. Outras publicações representativas do autor: *A Teia da Vida*, *As Conexões Ocultas*, *Sabedoria Incomum*. Esteve várias vezes no Brasil, realizando palestras e divulgando suas idéias em diferentes cidades.

<sup>44</sup> Gregory Bateson nasceu na Grã-Bretanha em 9 de maio de 1904 e faleceu em 4 de julho de 1980. Foi um antropólogo, cientista social, lingüista e especialista em cibernética. Alguns de seus livros mais importantes são: *Steps to an Ecology of Mind*, 1972; *Mind and Nature*, 1980 e *Angels Fear: Towards an Epistemology of the Sacred*, 1988, publicado postumamente e em co-autoria com a filha Mary Bateson.

<sup>45</sup> Rupert Sheldrake nasceu na Grã-Bretanha. Trabalhou como biólogo na Malásia e na Índia, tendo contato com técnicas tradicionais de cultivo. De volta à Grã-Bretanha, tem-se dedicado a escrever, dar palestras e pesquisar um modelo de desenvolvimento teleológico, a ressonância mórfica, que usa a antiga noção de campos morfogênicos. Estuda também o desenvolvimento e o comportamento de plantas e animais, telepatia, percepção e metafísica. Algumas de suas idéias são controversas e consideradas como pseudocientíficas por alguns cientistas. Principais obras: *A New Science of Life*, 1981 (2a. ed. 1985); *The Presence of the Past*, 1988; *The Rebirth of Nature*, 1990; *Seven Experiments that could Change the World*, 1994. Sua página oficial é <<http://www.sheldrake.org/>>.

<sup>46</sup> James Ephraim Lovelock, nascido em 26 de julho de 1919, é um pesquisador independente e ambientalista, que vive na Cornualha (Oeste da Inglaterra). Fundamentado nos estudos de Lynn Margulis, propôs uma tese que se popularizou, a hipótese Gaia, para explicar o comportamento sistêmico do planeta Terra, que é visto, nesta teoria, como um *superorganismo*. Estudou química na Universidade de Manchester. Em 1948, obteve um doutorado em medicina na London School of Medicine. Lovelock inventou instrumentos científicos que são usados pela NASA para análise de atmosferas extraterrestres e superfície de planetas. Ele acredita que o contraste do equilíbrio estático da atmosfera de Marte (muito dióxido de carbono com pouquíssimo oxigênio, metano e hidrogênio) com a mistura dinâmica da atmosfera da Terra, é bom sinal da ausência de vida naquele planeta. Em 1958, inventou o Detector de Captura de Elétrons (DCE), tão importante na cromatografia a gás, que auxiliou a descobrir a persistência de compostos organoclorados e dos clorofluorcarbonos, os CFC, que afetam a camada de ozônio do planeta. Declarou no "The Independent", em janeiro de 2006 que "o mundo já ultrapassou o ponto de não retorno quanto às mudanças climáticas e a civilização como a conhecemos dificilmente sobreviverá". Ele entende que os esforços para se reverter o aquecimento global já não têm chance de obter sucesso completo e a vida na Terra nunca mais será a mesma.

<sup>47</sup> Humberto Maturana é um biólogo chileno, crítico do Realismo Matemático e criador da autopoiese, faz parte dos propositores do pensamento sistêmico. Principais obras: *La objetividad – un Argumento para Obligar*. Santiago de Chile: Dolmen, 1997; *De Máquinas e Seres Vivo: Autopoiese: a Organização do Vivo* (com Francisco Varela). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997; *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1997; *A Árvore do Conhecimento: as Bases Biológicas do Conhecimento Humano* (com Francisco Varela). Campinas: Psy, 1995; São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>48</sup> Morris Berman nasceu em 1944, em Rochester, New York. Bacharelou-se em matemática na Universidade Cornell, em 1966, e obteve o doutorado em história da ciência na Universidade Johns Hopkins University, em 1972. É tido como um humanista cultural crítico, especializado em cultura ocidental e história intelectual. Berman tem escrito livros para o público em geral, relacionados com o estado da civilização ocidental nos aspectos de ética e responsabilidade histórica de seu modo de vida. Seus livros são: *The Reenchantment of the World* (Cornell University Press, 1981); *Coming to Our Senses: Body and Spirit in the Hidden History of the West* (1989); *The Twilight of American Culture* (Norton, 2000); *Wandering God: A Study in Nomadic Spirituality* (State University of New York Press, 2000); *Dark Ages America: The Final Phase of Empire* (Norton, 2006). Citam-se também os trabalhos: *Social Change & Scientific Organization: The Royal Institution 1799-1844* (1978) e *Coming to Our Senses: Body and Spirit in the Hidden History of the West* (1989). Após ter cooperado com várias universidades nos Estados Unidos e Canadá, Berman ensina atualmente como visitante no Departamento de Sociologia da Universidade Católica da América, em Washington, D.C. Reside no México e escreve para a revista *Parteaguas quarterly*, entre outras.

<sup>49</sup> BERMAN, Morris. *The reenchantment of the world*. Cornell University Press, 1981.

<sup>50</sup> Michel Serres, filósofo, nasceu no dia 1º de setembro de 1930, em Agen, França. Foi aluno da Escola Naval, que abandonou em 1949, segundo ele próprio devido em grande parte à leitura de *A gravidade e a graça*, de Simone Weil, "a primeira filósofa que falou da violência em todas as suas dimensões: antropológica, política, religiosa e mesmo científica". Coursou a École Normale Supérieure de Paris, licenciando-se em matemática, letras clássicas e filosofia; entretanto, considera-se um autodidata. Atuou como professor visitante na USP. Atualmente é professor na Stanford University e desde 1990 ele ocupa a poltrona 18 da Academia francesa. Escreveu entre outras obras "O terceiro instruído" e "O contrato natural". Tem várias obras publicadas no Brasil pela Bertrand

---

Brasil, como Hominescências; Júlio Verne: a ciência e o homem contemporâneo; O incandescente; Os cinco sentidos; Variações sobre o corpo; Notícias do mundo; Elementos de história das ciências.

<sup>51</sup> SEREES, Michel. *Le Contrat naturel*. Éditions Bourin, França, 1990. Em português: tradução de Serafim Ferreira, Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade), 1990 e *O Contrato Natural*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991. 142 p.

<sup>52</sup> Trata-se da portentosa peça *Fausto*, de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), conforme publicação no Brasil da Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, 1987. p. 111 e p. 112. Goethe produziu seu *Fausto* (como outros baseado na popular lenda alemã do pacto com o demônio – Mefistófeles – feito pelo médico, mágico e alquimista alemão Dr. Johannes Georg Faust, 1480-1540) em duas partes, escrito e reescrito ao longo de quase sessenta anos. A primeira parte, que é mais famosa, teve publicação em 1806 e a segunda, em 1832, às vésperas da morte do autor, porém inacabada.

<sup>53</sup> Obra fundamental para que melhor se compreenda o pós-modernismo e as características ideológicas da sociedade contemporânea é *Pós modernismo razão e religião*, de Ernest Gellner, professor na Central European University de Praga e diretor do seu Centro de Estudos do Nacionalismo, publicada em Portugal, pelo: Instituto Piaget, em 1994 (152 p.).

<sup>54</sup> A aquisição ou consulta poderá ser conseguida pelas orientações a partir do seguinte endereço na internet: <http://www.irdeb.ba.gov.br/servicos.html>

<sup>55</sup> O site oficial da fita é: [www.instinct-themovie.com](http://www.instinct-themovie.com)

<sup>56</sup> Hans Jonas nasceu em 10 de maio de 1903, em Mönchengladbach, Alemanha, e faleceu em 5 de fevereiro de 1993, em New Rochelle, New York. Estudou com Husserl, Heidegger e Bultmann e teve como companheiros de estudo Hannah Arendt e Günther Anders. Graduiu-se em Marburg e obteve a livre docência em 1928. Estudou o gnosticismo, tornando-se um dos especialistas mundiais. É uma referência no campo das éticas deontológicas, com repercussão na bioética, tecnoética e ética ecológica. Em 1933, com o advento do nacional-socialismo, emigrou para a Palestina e depois para a Itália, onde, como soldado da brigada judaica, ajudou a combater o fascismo. Em 1949, transferiu-se para o Canadá e, em seguida, para os Estados Unidos, onde passou a viver e lecionar. Tornou-se conhecido, primeiramente, por sua obra histórico-filosófica sobre a Gnose e, mais tarde, por seus trabalhos sobre a filosofia da biologia. Desde o final dos anos 60, Hans Jonas voltou sua atenção para as questões éticas suscitadas pelo progresso da tecnologia. Sua obra maior, *The Imperative of Responsibility* (publicada em 1979, em alemão, e em 1984, em inglês), que teve importância capital para o movimento ambiental na Alemanha, constituiu a razão principal para a outorga do título de doutor *honoris causa* em filosofia, concedido em julho de 1992 pela Freie Universität Berlin. Recebeu depois, em Udine, Itália, uma homenagem e um prêmio pela tradução italiana dessa obra. Este trabalho se concentra nos problemas sociais e éticos criados pela tecnologia. Jonas insiste que a sobrevivência humana depende de nosso esforço para cuidar de nosso planeta e de seu futuro.

<sup>57</sup> Luc Ferry, filósofo, nasceu em 1º de janeiro de 1951, em Colombes, nos Hauts-de-Seine, Paris. Teve um primeiro casamento com Dominique Meunier, do qual resultou a filha Gabrielle. Divorciado, casou-se com Marie-Caroline Becq de Fouquières, com quem teve dois outros filhos. Foi Ministro da Educação, em França, no governo de Jean-Pierre Raffarin, entre 2002 e 2004. Ferry tem sido um dos principais defensores do Humanismo Secular, visão de mundo que se contrapõe à religião, por conta de seu compromisso com o uso da razão crítica, em vez da fé, na busca de respostas para as questões humanas mais importantes. Define a filosofia como uma soteriologia, isto é, uma doutrina da salvação. Ela é, assim, uma concorrente das grandes religiões, e não é, portanto, mais do que uma reflexão crítica. Ferry tem uma vasta produção escrita e em seu livro de 1992, *Le Nouvel Ordre écologique* (subtítulo *A árvore, o animal e o homem*), prêmio Médicis de ensaio e prêmio Jean-Jacques-Rousseau (lançado no Brasil como *A nova ordem ecológica*. São Paulo: Ensaio, 1994), ele critica certas tendências do ecologismo, em particular a Ecologia Profunda representada no pensamento dos filósofos Hans Jonas e Michel Serres.

<sup>58</sup> FERRY, Luc. *Aprender a viver - Filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2007. p. 51.

<sup>59</sup> OLIVA, Alberto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Anarquismo e conhecimento. 2005. p. 10.

<sup>60</sup> Sobretudo ressaltemos: CORNWELL, Patrícia D. *Foco inicial*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

---

<sup>61</sup> Visitar a página <http://www.greenpeace.org/brasil/nuclear/noticias/greenpeace-publica-calendario>.